



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CHAPECÓ (SC)**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**Marcos da Silva dos Santos**

**CETICISMO E FIDEÍSMO EM MICHEL DE MONTAIGNE**

**CHAPECÓ (SC)**

**2022**

**MARCOS DA SILVA DOS SANTOS**

**CETICISMO E FIDEÍSMO EM MICHEL DE MONTAIGNE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó (SC), como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann

CHAPECÓ  
2022

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Santos, Marcos da Silva dos  
CETICISMO E FIDEÍSMO EM MICHEL DE MONTAIGNE / Marcos  
da Silva dos Santos. -- 2022.  
74 f.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Miguel de Oliveira  
Zimmermann

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Filosofia, Chapecó, SC, 2022.

1. Michel de Montaigne. 2. Ceticismo. 3. Fideísmo.  
4. Crença. 5. Razão. I. Zimmermann, Flávio Miguel de  
Oliveira, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul. III. Título.

**Marcos da Silva dos Santos**

**CETICISMO E FIDEÍSMO EM MICHEL DE MONTAIGNE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó (SC), como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca examinadora em:

30/08/2022

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann (UFFS)

Orientador



Prof. Dr. Clóvis Brondani (UFFS)

Prof. Dr. Jaimir Conte (UFSC)



Documento assinado digitalmente

**Jaimir Conte**

Data: 01/09/2022 15:10:54-0300

CPF: 609.489.739-00

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à minha família, em especial à minha mãe, que sempre me apoiou e acreditou no meu potencial, sem isso eu não chegaria onde cheguei. Sua garra, vitalidade e alegria de viver sempre foram minha inspiração. Ao padre Armando Rosário Magalhaes, pelo incentivo que possibilitou minhas conquistas.

## AGRADECIMENTOS

- ✓ A *Deus*, fonte inesgotável de todo Bem e da verdadeira sabedoria, por guiar-me e fazer buscar a Luz concedida pela Filosofia;
- ✓ Aos meus pais, Olmiro dos Santos (*in memoriam*) e Noeli da Silva dos Santos, por terem me proporcionado a vida;
- ✓ Aos meus *Amigos*, pelos momentos compartilhados ao longo da trajetória do curso; Em especial Jones Durante, Diego Alves de Oliveira, Carini Inês Hubner Konzen, saibam que reconheço tudo que fizeram por mim, as palavras e o conforto de saber que nunca estarei só além da força que inculcaram no meu pensamento para sempre persistir, vocês ficarão eternamente em meu coração.
- ✓ Aos *Professores do Curso de Filosofia*, da Universidade Federal da Fronteira Sul, que me acompanharam durante a graduação com seus conhecimentos e dedicação;
- ✓ Ao *Prof. Dr. Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann*, que me inspirou e orientou para que este trabalho se efetivasse.
- ✓ À Universidade Federal da Fronteira Sul, por disponibilizar a estrutura física, econômica e, especialmente, humana para que essa jornada acadêmica fosse possível.

*Nada é tão legítimo e belo como desempenhar o papel de homem em todos os seus aspectos. Não há ciência mais árdua do que a de saber viver naturalmente; e a mais terrível das moléstias é o desprezo pela vida. (MONTAIGNE, 1972, p. 501-502).*

## RESUMO

Para Michel de Montaigne, o espírito humano é impotente ao buscar desvendar a verdade por meio de si mesmo e suas faculdades. Para o filósofo, o homem por meio da razão justifica suas crenças, porém se esquece de que ela também é falha, uma vez que — em fim último — as crenças são sustentadas a partir da fé. Em vista disso, na ausência da fé, os pensamentos são vãos e estéreis. O ceticismo não abala a fé, antes possibilita ao ser humano tomar consciência de suas excessivas pretensões racionais. Segundo Montaigne, as pessoas são semelhantes aos animais — é um erro pensar que o homem é superior a eles — pois a natureza cuida de suas criaturas e todas possuem diferentes modos para a sobrevivência e perpetuação de cada espécie. Logo, para uma vida agradável, os sujeitos racionais devem buscar a simplicidade enquanto meio capaz de purificar a alma. Conforme o filósofo, o homem não deve recorrer unicamente à razão na busca pela verdade, tampouco confiar cegamente nos sentidos, pois eles também estão sujeitos ao erro e à incerteza. Embora os sentidos forneçam informações sobre a aparência, não informam a realidade como tal. Se a razão, as convicções religiosas e os sentidos são falhos, para Montaigne, o melhor a se fazer é abster-se de qualquer afirmação que possa ser comprometedor, isto é, suspender o juízo e aceitar a fé.

Palavras chave: Michel de Montaigne. Ceticismo. Fideísmo. Crença. Razão.

## **ABSTRACT**

For Michel de Montaigne, the human spirit is helpless in the search to unveil the truth through itself and its faculties. For the philosopher, through reason man justifies his beliefs, but he forgets that it is also failure, since — ultimately — beliefs are sustained from faith. In this view, in the absence of faith, the thoughts are vain and sterile. The scepticism does not affect faith, rather it makes it possible for human beings to become aware of their excessive rational pretensions. According to Montaigne, people are similar to animals - it is a mistake to think that man is superior to them - because nature takes care of its creatures and they all have different ways for the survival and perpetuation of each species. Therefore, for a pleasant life, rational subjects must pursue simplicity as a path capable of purifying the soul. According to the philosopher, man should not appeal only to reason in the search for truth, nor to trust blindly in the senses, as they are also subject to failure and uncertainty. Although the senses provide information about appearance, they do not inform reality of such. If reason, religious convictions and the senses are fallible, for Montaigne, the best thing to do is to abstain from any statement that could be compromising, that is, suspend judgement and accept faith.

Keywords: Michel de Montaigne. Skepticism. Fideism. Belief. Reason.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>O HOMEM E AS DEMAIS CRIATURAS.....</b>	<b>14</b>
2.1	UMA BREVE BIOGRAFIA .....	14
2.2	DAS CARACTERÍSTICAS DOS POVOS DO NOVO MUNDO .....	21
2.3	O SER HUMANO .....	28
2.4	A RAZÃO ENQUANTO SUBSTÂNCIA QUE COMPÕE O HOMEM .....	31
<b>2.4.1</b>	<b>Crítica de Montaigne à razão .....</b>	<b>35</b>
2.5	OS ANIMAIS E SEUS ATRIBUTOS .....	40
<b>2.5.1</b>	<b>Das discrepâncias entre homens e animais .....</b>	<b>42</b>
<b>3.</b>	<b>CETICISMO DE MONTAIGNE: UM MEIO EQUITATIVO PARA A EPISTEME .....</b>	<b>48</b>
3.1	RAYMOND SEBOND .....	48
3.2	FÉ E CRENÇA RELIGIOSA .....	49
3.3	O CETICISMO DE MONTAIGNE.....	56
<b>4.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Michel de Montaigne (1533-1592) nasceu na cidade de Bordeaux, França; viveu em um contexto inundado por conflitos, guerras civis, cismas políticos e religiosos como as disputas entre católicos e protestantes, já que a Europa passava por um período de instabilidade, pois as estruturas antigas não mais estavam dando conta de responder aos anseios do homem moderno. Enquanto escritor, jurista, e filósofo, Montaigne foi um intelectual significativo para o avanço científico de sua época. Contudo, garantiu uma vida estável após herdar o título de *Senhor de Montaigne*, o que lhe garantiu uma vida estável possibilitando-o a tradução para o francês da *Teologia Natural* de Sebond.

O filósofo, ao refletir o seu contexto escreve a obra *Ensaaios* em três volumes tornando-se um *best-seller* de seu tempo. Suas ideias significativamente colaboraram para a estruturação da cultura que compõe os séculos XVII e XVIII. Montaigne escreve a respeito de alguns temas como: o homem, as emoções, virtudes, leis, a política, cultura, religião, ciência, violência, os valores, etc, problematizando, dessa maneira, os mais variados aspectos da vida humana. Em vista disso, o pensador questiona as justificativas elaboradas e aceitas como verdades para explicar as teorias epistemológicas bem como defender a capacidade de o homem ultrapassar as aparências, isto é, os fenômenos e conhecer a essência das coisas. Seria possível tal façanha à espécie humana, já que ela se encontra tão frágil e limitada?

Por meio dos *Ensaaios*, quer-se, nesta pesquisa, deixar transparente o pensamento do filósofo a respeito dos fanáticos que com unhas e dentes defendem a eficiência da razão ou, por outro lado, a supremacia da fé na busca pelas verdades que regem o cosmos. Pretende-se, enfatizar uma postura equilibrada enquanto meio harmônico entre tais extremos. Conseqüentemente, o autor enfatiza uma posição cética e a defende como meio plausível para os sujeitos levarem uma boa vida. Ademais, o ceticismo é desenvolvido contrapondo-se às fraquezas e vaidades que acometem o ser humano. Logo, é na *Apologia* que a dúvida é elevada ao extremo, fazendo com que as atividades racionais se tornem incapazes de resistir e sejam esfaceladas abrindo caminho para a visão pirrônica do ceticismo antigo.

No que diz respeito ao comportamento humano, discorrer-se-á sobre o descobrimento do Novo Mundo, já que na visão de alguns filósofos, deste fato resultou a ruptura da tradição, dando lugar ao pensamento moderno. Compreende-se que os povos “selvagens” configuram a outra face da moeda, quando comparados com as culturas civilizadas da Europa. Ao comentar sobre os costumes, valores, crenças, ou seja, os estilos distintos de viver, Montaigne busca

impactar os intelectuais, as pessoas cultas e doutas da época ao expor os desafios eminentes a serem tratados quando se pretende conceituar e explicar as experiências humanas. Assim, o autor vai além ao sustentar que as práticas adotadas pelos nativos, embora eruditas, estimulam a humildade e a vida feliz, pois estão livres dos vícios, paixões, pecados, erros e demais propriedades que assaltam a faculdade da vontade dos europeus, induzindo-os aos equívocos por presunção, vaidade, orgulho e soberba.

Fundamentando-se nos *Ensaio*s, explicar-se-á que as culturas não são perfeitas, antes cada qual é composta de qualidades e vícios distintos, mas todas gozam de uma riqueza, pois uma não é superior a outra. Em vista disso, estima-se que o respeito mútuo deve ser estimulado, juntamente com o diálogo, para que os preconceitos possam ser rompidos. Montaigne preza pela paz entre os povos, por isso adverte e denuncia as injustiças que o homem trama contra o seu semelhante. Assim, para romper com os atritos, talvez a elaboração de um critério universal para estruturar as crenças, costumes e hábitos, corresponda à uma necessidade entre os seres racionais.

O ser humano governa a terra e tudo o que nela encerra segundo os seus caprichos, deleites e vontades. Afinal, seria a criatura humana superior a todos os seres que habitam o ambiente? Tudo o que há, foi feito para o homem e sua vontade ou ele seria apenas mais um ser vivo que goza da existência? Tendo em vista a complexidade que é o ser humano, discorrer-se-á a respeito dele bem como de sua faculdade racional, para explicar em conformidade com o pensamento do filósofo descrito nos *Ensaio*s, que tal criatura, – composta de corpo e alma – mesmo que complexa e cheia de enigmas, é mortal, finita, frágil e vulnerável. Em vista disso, embora goze de uma faculdade racional complexa, ficará evidente que o homem não desfruta de ferramentas suficientes para uma compreensão macro do mundo. Assim, poder-se-á sustentar que a verdade está para além da capacidade limitada das criaturas, já que estas não podem elevar-se para além de sua condição. Logo, na ausência de uma certeza e a predominância da dúvida, deve-se adotar o ceticismo. Se a humanidade se julga superior, Montaigne afirma em sua *Apologia*, que tal postura não passa de pretensão, vaidade, orgulho e arrogância. Para justificar seu posicionamento, o mesmo tesse algumas críticas a esta faculdade que rege o intelecto, já que as aparências são intransponíveis aos humanos devido à condição que naturalmente os limita.

As pessoas se colocam no centro do universo e subjagam o que existe mediante critérios que elas mesmas desenvolvem e os fundamentam na racionalidade. Pretende-se, com esta pesquisa, mostrar em concordância com a filosofia montaigniana, que para além das discrepâncias entre as culturas que circundam o globo, o que fruto da intolerância resultam em

conflitos e atrocidades cometidas na medida em que um povo acha possuir a verdade e ser superior a outro, o homem carece de um caminho temperante, já que enaltece a razão e perde-se no fanatismo religioso. Ademais, por meio da *Apologia*, quer-se através de discussões e inúmeras exemplificações, fundamentar que os homens e os animais muito mais se assemelham do que distinguem entre si, mesmo havendo discrepâncias naturais. Logo, crer que a razão faz das pessoas seres superiores implica crer em uma ilusão. Se o homem idolatra a razão, Montaigne a reduzirá a um mero comportamento animal.

Em meio ao contexto de tensão e conflito impulsionado pelas mudanças políticas, sociais e religiosas da época, Montaigne resgata o pensamento dos céticos e o apresenta como proposta para apaziguar os ânimos. O ceticismo surge como uma opção para neutralizar as extremidades radicais adotadas. Este tema, por sua vez, é tratado pelo autor com ênfase na *Apologia*, conseqüentemente, esta também recebe destaque ao logo da pesquisa em questão. Já que possibilita uma reflexão a respeito das posições empregadas pelos dogmáticos, na medida em que aponta a limitação da compreensão humana e reduz o saber à dúvida absoluta. Em vista disso, discutir-se-á a respeito da fé que se manifesta nas crenças adotadas pela humanidade e incorporadas na vivência do cotidiano onde não recebem uma conotação religiosa e acompanham cada sujeito até o fim da vida. Entretanto, em conformidade com a filosofia de Montaigne, mostrar-se-á que a verdade é inatingível pelo homem, apenas um ser divino, sobrenatural, pode contempla-la e dá-la a conhecer a quem for de seu agrado por meio da graça. Ainda, o criador também não pode ser conhecido, como fazem pensar alguns charlatões, pois está para além da física. Ao homem, compete preocupar-se com as coisas que estão à sua volta e podem ser comprovadas pela experiência.

Partindo do pressuposto de que a verdade depende da graça para o homem dela desfrutar! (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 260). Neste trabalho, pretende-se demonstrar que a vida é marcada pelas aparências e a natureza humana não sabe como romper esta barreira para atingir a essência das coisas. Conseqüentemente, o ceticismo é apresentado para por fim aos atritos da época, como os que haviam se instaurado entre católicos e protestantes. Dessa maneira, uma das opções adotadas pelo cético consiste em buscar a moderação, suspender o juízo, evitar a extravagância, seguir a tradição para preservar a ordem pública.

Montaigne propõe um ceticismo que se refere para todas as coisas que estão para além do eu. Sua filosofia incita a autorreflexão, já que é conhecendo-se que cada um torna-se capaz de dominar seus instintos e suas ações. Por isso, muitos autores, tais como Flávio Zimmermann, Tomás Fernandes, Elena Tamaro, dentre outros, afirmam que o filósofo elaborou um ceticismo moderado marcado por uma visão humanista e tolerante para com as

mais distintas manifestações e expressões culturais de cada povo. Para ele, o diálogo é um dos caminhos que possibilitam a paz, a aceitação do diferente, a abertura para as novidades e rompe com as vaidades e pretensões, pois delas resultam os malefícios. Fundamentando-se no pensamento de Montaigne, esta pesquisa mostrará que a adoção de uma posição cética é meio eficiente para a maturidade pessoal, já que uma pessoa desenvolvida e aprimorada em suas dimensões humanas é capaz de evitar os conflitos e reconhecer seu semelhante enquanto um ser dotado de dignidade e não simplesmente um objeto que pode ser manipulado. Em vista disso, discorrer-se-á também a respeito das concepções céticas adotadas pelos acadêmicos e pirrônicos, apresentando algumas de suas características e a visão do filósofo sobre as mesmas.

É sabido que a verdade é tão importante, e por isso, deve ser buscada, mesmo que a desvelar plenamente não seja possível neste mundo. Para evitar equívocos, deve-se pautar o conhecimento segundo a experiência, pois o que está para além desta são fábulas ou especulações vãs. Assim sendo, para o desenvolvimento deste trabalho, dois capítulos são elaborados sendo que o primeiro intitulado: *Dentre as criaturas, o homem distingue-se, de fato, ou assemelha-se a elas*, é constituído por uma breve biografia, discorre a respeito das características dos povos do novo mundo, investiga a respeito do ser humano, explana algumas críticas sobre a faculdade racional e expõe algumas semelhanças e disparidades entre as pessoas e os animais; já o segundo capítulo, denominado: *Ceticismo de Montaigne: um meio equitativo para a episteme*, discorre a respeito da *Apologia*, aborda elementos da fé bem como das crenças religiosas e culmina na adoção do ceticismo enquanto meio provável para ser exercitado de maneira prática ao longo da vida, pois a verdade está distante e o que há é nebuloso e passageiro.

## 2. O HOMEM E AS DEMAIS CRIATURAS

### 2.1 UMA BREVE BIOGRAFIA

Michel de Montaigne, foi um personagem significativo para o desenvolvimento intelectual de sua época. Além de escritor, desempenhou as funções de jurista, contribuiu com a política e com afinco dedicou-se à busca pelo conhecimento ao abraçar a filosofia. Conforme Sérgio Milliet (1972, p. 49), Montaigne nasceu em 1533, no castelo de Montaigne em Bordeaux, uma cidade portuária às margens do rio Garonne localizada geograficamente ao sudoeste da França. Sua língua materna foi o latim, aprendeu-o, através de um mentor alemão, contratado propositalmente por seu pai para educá-lo logo que desmamou, antes mesmo que sua língua se destravasse. Esse alemão, recebia muito bem e ocupava-se continuamente de Montaigne, mais tarde, faleceu enquanto médico famoso na França. (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 91). Após os estudos iniciais, no ano de 1549, foi para Toulouse<sup>1</sup> onde passou a frequentar a Universidade e graduou-se em Direito. Em decorrência disso, substituiu seu pai ao desempenhar a função de conselheiro da Corte de Périgueux. Quando esta chegou ao fim, Montaigne passou a compor o Parlamento de Bordeaux. Lá fez amizade com o humanista e filósofo, Étienne de La Boétie<sup>2</sup>. No ano de 1565, o filósofo casou-se com Françoise de La Chassagne, e três anos seguintes, herdou as terras e o título de *Senhor de Montaigne*, devido ao falecimento de seu pai. Tal honraria, garantiu-lhe uma sobrevivência tranquila. Para cumprir com a vontade do melhor dos pais, o filósofo efetuou a tradução para a língua francesa da *Teologia Natural* ou *Livro das Crônicas* de Raymond. Com o término da tradução, seu pai muito se alegrou e solicitou que esta fosse impressa. Contudo, a impressão de fato, ocorreu somente após a sua morte, no ano de 1569 (Cf. MONTAIGNE, 1972, 208-

---

<sup>1</sup> Toulouse, cidade situada no sul da França, às margens do Rio Garona. Em Toulouse está localizada a “Universidade de Toulouse” uma das mais antigas universidades da Europa.

<sup>2</sup> Étienne de La Boétie (1530-1563), foi um escritor, magistrado e filósofo francês. A maior parte de seus escritos foram divulgados por Michel de Montaigne. Graças ao seu pensamento libertário e humanista, Boétie é tido como um dos precursores das ideias anarquistas (ideias que se opõe a todo tipo de hierarquia e dominação). O *Discurso sobre a Servidão Voluntária* é a sua obra mais disseminada. Por meio dela, o filósofo indaga a respeito da dominação dos povos pelos tiranos e aponta a rebelião voluntária e pacífica como meio eficiente para combater a opressão e conquistar a liberdade. LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais. Ademais, em sua obra *Ensaaios*, no capítulo dedicado à amizade, Michel de Montaigne ao se referir à obra de Boétie afirma: “Há muito circula esse ensaio em mãos de gente séria, entre a qual goza de grande e merecida reputação, pois é cheio de nobreza e de argumentação tão sólida quanto possível” (MONTAIGNE, 1972, p. 95). Devido aos laços de amizade tão sólidos construídos entre ambos, Montaigne referindo-se ao caráter do amigo, acrescenta: “Nunca houve melhor cidadão; ninguém desejou mais a tranquilidade de seu país, nem foi mais inimigo das perturbações e das ideias novas que ocorreram em seu tempo. Muito mais se devotara a extinguí-las do que a fornecer argumentos que lhes favorecessem a propagação. Seu espírito era moldado sobre o modelo de séculos diferentes dos nossos” (MONTAIGNE, 1972, p. 101). Convém destacar que a morte de La Boétie afetou o filósofo profundamente.

209). Mais tarde, deste empenho resultará um de seus ensaios mais extensos, isto é, *Apologia de Raymond Sebond*<sup>3</sup>.

Montaigne viveu em um contexto de instabilidade, insegurança e muitas mudanças (políticas, econômicas, religiosas e científicas) não apenas na França, mas em toda a Europa, pois, de acordo com Heers (1981, p. 80), o continente foi devastado pelas guerras civis e também assolado pelos surtos da peste. Para além disso, os franceses enfrentavam o cisma político e religioso fruto da disputa persistente entre católicos e protestantes, fato evidente nas palavras do autor, “[...] estávamos na época em que a Reforma de Lutero começava a expandir-se e a abalar em muitos países as antigas crenças. [...] esse princípio de doença degeneraria logo em execrável ateísmo” (MONTAIGNE, 1972, p. 209). A razão, por sua vez, estava incapacitada de julgar as coisas em si mesmas, limitando-se à superficialidade das coisas. Ainda, a Europa estava passando por um período de transição, as estruturas antigas responsáveis por reger a sociedade estavam perdendo seu vigor e ruir era uma questão de tempo, pois suas respostas aos problemas do homem não estavam sendo satisfatórias. Assim, revolucionar o agir e pensar de todos seria apenas uma questão de tempo. Entretanto, abandonar o velho e assumir o novo sempre é um processo difícil, e mais complicado no tempo do filósofo, pois conforme Tiago Barros Duarte (2011), tendo em vista que os fenômenos eram explicados por meio da fé, a religião passou a concentrar um certo domínio sobre o povo, barrando em muitos casos o progresso científico e alimentando os conflitos e tensões.

Em 1571, com o objetivo de escrever e raciocinar sobre os conflitos de seu contexto, o filósofo decide retirar-se em um castelo de sua propriedade. Porém, devido à persistência das disputas religiosas, ele sentiu-se obrigado a romper com o retiro e retomar suas funções cívicas. Mais tarde, combinando suas meditações com as leituras de Plutarco e Sêneca, o filósofo redige os *Ensaio*s. A primeira edição, compõe os dois volumes iniciais e foi publicada em 1580. Esta, era composta por noventa e quatro capítulos. Já o terceiro e último volume, este só foi publicado oito anos mais tarde constituído por treze capítulos. Foi através desta publicação que o filósofo teve contato e desenvolveu uma amizade especial com –

---

<sup>3</sup> A respeito da biografia do filósofo, consultar também: BAKEWELL, Sarah. **Como viver: ou uma biografia de Montaigne em uma pergunta e vinte tentativas de resposta**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 397. A indagação: Como viver? É o ponto de partida desta obra para a biografia de Montaigne, um grande pensador do Renascimento. Este filósofo marcou o protótipo do homem renascentista e este livro visa por meio de perguntas, feitas inclusive pelo próprio pensador, discorrer sobre a sua vida. Conferir também: FERNÁNDEZ, Tomás.; TAMARO, Elena. *Biografia de Montaigne*. Em: **biografias e vidas: A enciclopédia biográfica online**. Barcelona, Espanha, 2004.

Mademoiselle de Gournay – uma grande admiradora sua, amizade essa que perdurou por toda a vida.

A obra *Ensaaios* – constituirá a base fundamental de toda esta pesquisa – escrita por Montaigne tornou-se um *best-seller* de seu tempo. Seus pensamentos contribuíram significativamente para a solidificação da cultura clássica nos séculos XVII e XVIII. Para Duarte (2011), o trabalho intelectual do filósofo foi sendo compilado, isto é, escrito ao longo da vida. Suas ponderações são de esfera natural, pois falam da cultura e da vida humana sob as mais distintas perspectivas. Logo, suas ideias filosóficas causaram impacto direto na concepção moral propagada pela civilização europeia. Na concepção linguística, o ensaio passou a ser visto como um novo gênero, uma vez que Montaigne escreve suas considerações a respeito dos mais variados temas, entre eles, o homem, as emoções, virtudes, leis, a política, cultura, religião, ciência, violência, os valores, dentre outros. Através desta obra, o filósofo possibilita ao ser humano uma maneira simples para que o mesmo seja capaz de aprender sobre si mesmo, isto é, conhecer-se e tomar consciência dos próprios sentimentos, pois que ele mesmo afirma: “Achando-me inteiramente desprovido de qualquer assunto específico, tomei a mim mesmo como objeto de análise e discussão” (MONTAIGNE, 1972, p. 186).

Do ponto de vista filosófico, verifica-se que os *Ensaaios*, além de abordar um contexto específico da história em que as certezas outrora predominantes durante o período medieval, agora estavam perdendo sua força na medida em que novas visões sobre mundo eram propostas para explicar os dilemas da vida, como por exemplo a influência do pensamento romano, também buscaram resgatar e colocar novamente o homem no centro do mundo.

Montaigne ao escrever sua obra não estava preocupado com a elaboração de grandes teorias, antes serve-se da crítica para problematizar o contexto social, político e religioso ao qual estava inserido. Para Fernández e Tamaro (2004), abraçando o ceticismo moderado<sup>4</sup> para combater o dogmatismo, Montaigne comenta nos ensaios sobre os aspectos que fazem parte da alma humana. Assim, o filósofo faz uma releitura histórica e cultural para integrar bem como promover o diálogo entre a cultura europeia e os costumes dos povos descobertos nas Américas, isto é, que compõem o Novo Mundo. Por outro lado, segundo a concepção de Richard Popkin (2000), o filósofo ao elaborar os *Ensaaios* desenvolve uma série de problemáticas a respeito do conhecimento sensível, questiona a verdade dos primeiros princípios, indaga sobre os critérios que sustentam o saber racional bem como a capacidade humana para conhecer algo para além das aparências, isto é, a verdadeira natureza do mundo

---

<sup>4</sup> Tema que será abordado brevemente mais adiante nesta pesquisa.

real. Em vista disso, “Montaigne elaborou seu pirronismo completo através de uma sequência de níveis de dúvida” (POPKIN, 2000, p. 105). Por conseguinte, a maior parte dos argumentos epistemológicos importantes do pirronismo antigo são resgatados nos *Ensaio*s onde o ponto culminante consiste na revelação da dúvida total *ad infinitum*, pois que a razão é incapaz de provar a si mesma (Cf. POPKIN, 2000, p. 103).

Nota-se que o pensamento, as teorias e obras desenvolvidas por Montaigne refletem o contexto da época à qual o filósofo estava inserido. Tal situação pode ser observada, por exemplo, na perspectiva religiosa. Enquanto a sociedade estava dividida entre os adeptos do catolicismo<sup>5</sup> e os defensores do protestantismo<sup>6</sup>. De maneira semelhante, do ponto de vista

---

<sup>5</sup> De acordo com as investigações de Bruce L. Shelley (2018), as raízes do cristianismo antecedem a figura de Jesus. Contudo, foi com Jesus de Nazaré que muitas ideias do judaísmo foram colocadas a prova e renovadas por Ele no primeiro século. O nazareno foi crucificado pelo oficial romano Pôncio Pilatos, mas seus ensinamentos propagaram-se por todo o mediterrâneo. Os Evangelhos, as cartas paulinas, livros do Novo Testamento, juntamente com outros documentos romanos dão testemunho da vida de Jesus. A figura do apóstolo Paulo, por meio de suas pregações, contribuiu significativamente para elevar o cristianismo a uma posição universal. O cristianismo teve uma rápida expansão, pois no período entre 70 a 312 d.C. ele se difundiu por todo o Império Romano e algumas regiões da Índia. Esse movimento, por ser universal, foi chamado de católico (do grego *katholikós*, cujo significado é “geral, universal” ainda, do *latim catholicu*, refere-se à universal). Ademais, também foi marcado por crenças ortodoxas e um governo eclesiástico liderado por bispos. Nesta época, houve a formação das Escrituras, tal qual às que existem atualmente. Por meio do Antigo Testamento, a igreja além de identificar a fé com a ideia de um Deus que cria e redime, também enfatiza a importância da história, uma vez que o próprio Deus em certo momento e lugar específico, se faz homem e se envolve com a humanidade. Logo, o cristão é chamado a enfrentar as dificuldades existências com os olhos da fé. Nos períodos entre 312 a 590 d.C. com a conversão do imperador Constantino, o cristianismo sai das catacumbas e adentra os palácios, tornando-se a religião oficial do império. Em vista disso, a igreja une-se ao Estado e passa a cuidar das questões morais do povo. Ao longo dos séculos, a igreja sempre defendeu que Jesus Cristo é o Messias o Filho de Deus. Este mistério recebe o nome de encarnação, pois a igreja no concílio Geral da Calcedônia defende que Jesus é completo na divindade e também na humanidade, ou seja, é ambas as naturezas em uma só pessoa, verdadeiramente Deus e homem. Por volta dos anos 590 a 1517 d.C. após os bárbaros destruírem o império romano no Ocidente, foi a igreja quem reformou a Europa e assumiu a liderança por meio da lei, da cultura e a busca pela sabedoria. Porém, nos séculos seguintes, o poder corrompeu alguns papas e, conseqüentemente surgiram reformadores lutando por mudanças. As reformas marcam os períodos de 1517 a 1648 d.C. e ganharam força no século XVI e deram origem ao protestantismo, destruindo a liderança papal ocidental. O protestantismo foi marcado por quatro tradições, a saber: luterana, reformada, anglicana e anabatista. Por conseqüência, surgiram batalhas violentas e a Europa foi devastada pelos conflitos. Enquanto o tempo da reforma foi marcado pela bela discussão sobre a salvação, a época da razão destacou-se pela negação da religião e exaltação da razão e do pensamento científico durante os anos de 1648 a 1789 d.C. Ao longo dos anos de 1789 a 1914 d.C. somam-se aos desafios intelectuais o surgimento da ciência moderna. A Revolução Francesa gerou novas esperanças e expectativas aos homens, surge o liberalismo contra a religião, propagado pelas correntes filosóficas do racionalismo (Descartes, Spinoza, Leibniz) e empirismo (Locke, Berkeley, Hume). Assim, a história passou a ser vista como uma mera relação de causas e efeitos. O conceito de que o Criador se revela ao homem e atua na história desapareceu, já os milagres, estes se tornaram fatos. No decorrer de 1914 a 1989 d.C. surgem as ideologias, como: comunismo, americanismo e nazismo. Ganha força também um novo paganismo, logo os cristãos foram forçados a lutar para atualizar a igreja. A queda do Muro de Berlim caracteriza o enfraquecimento das ideologias e o “novo” cristianismo do Terceiro Mundo. Em vista disso, o Concílio Vaticano II surge como uma oportunidade para estabelecer o diálogo. Por fim, caracterizando o contexto de 1900 aos dias atuais, a igreja vive um impulso missionário. Mais coisas ocorreram nos últimos cem anos do que em toda a história da igreja. Assim, ganha impulso o novo cristianismo aonde os cristãos buscam retornar às fontes do Evangelho puro e simples de Jesus Cristo. Por fim, considerando que nos tempos atuais a comunicação e globalização minam a todo tempo as pessoas com as mais diversas informações, convém dar seguimento a este tema e aprofundar suas razões.

peçoal, conforme destaca Popkin (2000), ao passo que o pai de Montaigne se identificava com o catolicismo, sua mãe era de procedência judaica<sup>7</sup>. Considerando que o pai buscava

---

Logo, sugere-se uma leitura mais aprofundada da obra de Shelley (2018) intitulada: **História do Cristianismo: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da Igreja Cristã desde as origens até o Século XXI**.

<sup>6</sup> Alderi Souza de Matos (2017), argumenta que a Reforma é um tema complexo que abrange as dimensões – religiosa, política, social e teológica – o que decorre muitas interpretações a respeito de sua origem, significado e natureza. De maneira tradicional, as origens do movimento protestante, juntamente com o pensamento dos reformistas sempre foram ligadas à Bíblia e ao período histórico patrístico, com atenção especial ao pensamento do grande teólogo Agostinho de Hipona, o escolasticismo que compreende o final da idade média e o humanismo renascentista. Para Euan Cameron (1991, *apud* MATOS, 2017, p. 17), “A qualidade singular da Reforma Protestante consiste no fato de que ela tomou uma única ideia essencial; apresentou essa ideia a todos e incentivou a discussão pública; então deduziu dessa ideia o restante das mudanças no ensino e no culto; finalmente, desmontou todo o tecido da igreja institucional e construiu novamente a partir da estaca zero, incluindo somente o que era consistente com a mensagem religiosa básica, e exigido por ela”. Conforme Matos (2017), para alguns estudiosos como Alister McGrath a reforma foi positiva na medida em que influenciou diversas áreas a saber: política, cultura, literatura, ciência, educação, tolerância, arte, economia, etc. Para o historiador Owen Chadwick (1988), “Depois de Lutero, não era possível, seja aos protestantes ou aos católicos, imitar algumas das velhas maneiras de negligenciar a graça e a soberania de Deus. Na medida em que o Protesto consistiu no brado de Lutero de que a salvação não era por meio do ritual... o Protesto foi triunfante”. Conforme argumenta Matos (2017), para Lutero, Deus salva o ser humano unicamente pela graça e não pelos seus méritos, esforços ou virtudes, antes somente pela fé que, por sua vez, também é um dom divino. Lutero entende que o encontro do homem com a divindade ocorre quando este consegue abdicar de suas pretensões e olhar para o Calvário, pois nele Deus se revelou em sua plenitude. A Reforma Protestante surgiu no século XVI devido a grave crise espiritual vivenciada pela igreja da época, pois que o povo estava insatisfeito e vivendo um vazio espiritual. Logo, o desejo de transformar a igreja faz despertar o movimento reformista de dentro da própria instituição. Martinho Lutero, na visão de Shelley (2018, p. 308), “[...] abordou quatro preocupações católicas e ofereceu respostas revitalizantes. À pergunta “Como a pessoa é salva?”, Lutero respondeu: “Não pelas obras, mas somente pela fé”. À pergunta “Onde reside a autoridade religiosa?”, ele respondeu “Não na instituição visível chamada Igreja romana, mas na Palavra de Deus encontrada na Bíblia”. À pergunta “O que é a Igreja?”, ele respondeu “Toda a comunidade de cristãos, pois todos são sacerdotes diante de Deus”. E, à pergunta “Qual é a essência da vida cristã?”, ele respondeu “Servir a Deus em qualquer chamado útil, seja ele ordenado ou leigo”. Até hoje, qualquer descrição clássica do protestantismo deve ecoar essas verdades centrais”. Em vista disso, a Reforma adentrou na vida dos europeus como um todo, posteriormente refletindo também no Ocidente, contribuindo com a formação da mentalidade moderna. Dentre os reformistas, destaca-se Lutero e João Calvino, um grande exegeta e teólogo do movimento. Contudo, convém ressaltar que em sintonia com Montaigne em seus *Ensaíes*, a verdade está para além da capacidade humana, não obstante, o homem é fraco, frágil, limitado, corruptível e consequentemente não usufrui das ferramentas necessárias para alcançar o Criador. A fé é graça concedida pela divindade a quem ela quer assim como a verdade pode ser conhecida se for da vontade deste Ser sobrenatural.

<sup>7</sup> Conforme explica Ana Lúcia Galinkin, a identidade do povo judaico ou o Povo Eleito, ainda, o Povo de Israel começa no momento em que Abraão recebe do Criador a missão de guiar uma nação e ensinar a ela a fidelidade ao Senhor. Esta história segue com Jacó quando este, após lutar com um dos mensageiros de Deus, recebe o nome de Israel. Seus filhos originam as 12 tribos de Israel, consequentemente o povo israelita. O ápice se dá com Moisés, já que ele escreve os Dez mandamentos que implicam nas leis, constitui o código moral, os ritos e a religião, mais tarde, os sistemas de pensamento, as crenças e as representações que consolidam o judaísmo. “Atualmente o judaísmo é pensado tanto como uma religião quanto como ideologia, tanto como tradição quanto estilo de vida” (GALINKIN, 2008, p. 89). Conforme orienta a tradição legal judaica, a *Halaká*, os judeus são aqueles que nasceram de mães judias ou que se converteram por meio de um ritual particular. De acordo com os Livros Sagrados, a identidade era transmitida à descendência patrilinear. Contudo, acredita-se que a mudança para matrilinearidade tenha acontecido possivelmente depois do segundo século do cristianismo. Para os homens, é exigida a circuncisão, esta marca o ingresso do indivíduo ao grupo social e lhe confere uma identidade étnico-religiosa. Quanto às mulheres, estas passam a compor a comunidade quando o pai anuncia à comunidade o seu nascimento, durante um *Shabat*, isto é, o ritual dos sábados. Os judeus recebem dois nomes, um nome civil e outro em hebraico para as atividades religiosas. Ademais, para os judeus, “[...] a linhagem define hierarquia, posições, papéis e relações sociais que hoje se circunscrevem ao âmbito religioso, mas incluem certos privilégios e interdições entre os mais religiosos ou ortodoxos” (GALINKIN, 2008, p. 92). Compreende-se que os critérios contidos na tradição rabínica são universais entre as distintas comunidades e congregações. Para além do mais, “[...] a construção de uma pessoa judia,

compreender e aprimorar seu entendimento a respeito das crenças. De igual maneira, o filósofo desenvolveu um espírito interessado e curioso no que tange às demais correntes religiosas e teológicas de seu contexto. Logo, como o pai, mesmo assumindo a identidade cristã, suas crenças não o impediam de gastar seu tempo buscando conhecer e dialogar com pessoas adeptas à Reforma (Como, por exemplo, a figura de Henrique de Navarra) e simpatizantes da Contra-Reforma (Como, por exemplo, o representante jesuíta, Juan Maldonado). Analisando os *Ensaio*s, é perceptível que o autor não apresenta um fanatismo para com relação às crenças e teorias, antes desenvolve um senso crítico que visa um equilíbrio, isto é, uma harmonia entre os lados extremos. Ademais, “Durante suas viagens, Montaigne frequentemente parava para conversar com adeptos das várias religiões e mostrava um profundo interesse por suas crenças e práticas” (POPKIN, 2000, p. 90).

O castelo de Montaigne era frequentado por inúmeras pessoas letradas e cultas da época. Foi assim que seu pai recebeu a visita de Pierre Buñuel<sup>8</sup>. Este, em sua partida, deixou um presente, isto é, a obra denominada *Teologia Natural* de Raymond Sebond (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 208). Considerando que o texto havia sido escrito na língua espanhola, antes de morrer, seu pai lhe pediu para que o traduzisse para o francês. O filósofo realizou a vontade do pai, porém a obra foi impressa apenas depois de sua morte (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 209). Nela, de acordo com o filósofo, Sebond defende que a razão pode explicar os fundamentos religiosos da fé cristã. Em vista disso, duas objeções são elaboradas, a saber: “A primeira objeção ao livro é que os cristãos se enganam em querer sustentar com argumentos puramente humanos uma crença que só se concebe pela fé e por intervenção particular da graça divina” (MONTAIGNE, 1972, p. 209). Já a segunda objeção, por sua vez, considera as ideias de Sebond superficiais e confusas, isto é, “Há quem ache seus argumentos fracos, insuficientes para provar o que desejam provar e refutáveis” (MONTAIGNE, 1972, p. 213). Em decorrência disso, nos *Ensaio*s, o filósofo desenvolve sua argumentação de modo a elaborar sua temática fideísta e também expandir as ideias do ceticismo. Segundo Popkin (2000), Montaigne primeiro apresenta a fé como fundamento e meio para verificar a veracidade da religião. Na sequência, desenvolve o ceticismo ao expor as fraquezas e vaidades do ser humano.

Os *Ensaio*s contribuíram substancialmente na consolidação das ideias que compõem o período moderno. Segundo Popkin (2000), o filósofo desenvolve seu pensamento pirrônico

---

entretanto, assim como de qualquer pessoa, se dá a partir de suas relações sociais concretas, de sua história dentro de seu grupo e da história de sua comunidade” (GALINKIN, 2008, p. 93).

<sup>8</sup> Descrito pelo filósofo como um homem sábio e dotado de grande reputação que havia ficado no castelo por alguns dias. Consultar nos *Ensaio*s: II, XII, p. 208.

mediante raciocínios bem estruturados. Assim, discorreu a respeito da dúvida aprofundando-a em vários níveis, resultando em uma dificuldade filosófica crucial. A *Apologia* eleva a dúvida a uma categoria extrema fazendo com que qualquer atividade racional seja incapaz de resistir e seja abalada, isto é, destruída. Montaigne ao fazer uma leitura do contexto ao qual vivia, percebendo as crises oriundas da Reforma, ciência e do humanismo, escreve sua obra enfatizando, não a certeza como buscavam alguns pensadores, antes um ceticismo pirrônico absoluto, segundo a visão de Popkin (2000). Em vista disso, o filósofo ocupou um papel fundamental na vida intelectual da modernidade. Logo, “Montaigne foi interpretado tanto como um cético total, duvidando de tudo, até mesmo das posições religiosas que pretendia defender, quanto como, mais recentemente, um sério defensor da fé” (POPKIN, 2000, p. 106). Se ele defendia o cristianismo ou buscava miná-lo, não faz diferença quanto às suas formulações pois, se o homem pode duvidar de todas as coisas, deve aceitar a religião com base exclusiva na fé. Em decorrência disso, enquanto algumas lideranças eclesiásticas viam o pirronismo cristão como uma teologia a ser admirada, outros consideravam sua obra puro ateísmo (Cf. POPKIN, 2000, p. 107).

Em setembro de 1592, aos cinquenta e nove anos, morria Michel de Montaigne, um grande pensador, escritor, político e humanista de seu tempo. Para Popkin (2000), as ideias do filósofo marcaram profundamente o Renascimento<sup>9</sup>. Inclusive, os *Ensaio*s foram o meio essencial para reavivar os princípios de algumas correntes da filosofia Helenística<sup>10</sup>, dentre elas, o ceticismo antigo no século XVI.

---

<sup>9</sup> O Renascimento originou-se na Itália, séc. XV até o séc. XVI, e se expandiu para as demais regiões da Europa causando uma transformação radical nas estruturas da época, a saber: econômica, cultural, artística, científica, política, filosófica, religiosa, etc. Assim, caracteriza-se uma ruptura entre o período Medieval e a Modernidade. Graças a este movimento, a humanidade expandiu seus horizontes e passou a observar a realidade por ângulos diferentes. Se no passado tudo girava em torno de Deus, agora o homem passa a ser visto como o centro do universo. Em vista disso, estabeleceu-se um conflito entre fé e razão, religião e ciência. Ademais, dentre os elementos que caracterizam o período da renascença estão: a valorização da antiguidade clássica, o cientificismo, racionalismo, antropocentrismo, individualismo, dentre outros. Dentre os personagens da época, alguns recebem destaque a saber: Dante, Giordano Bruno, Campanella, Kepler, Maquiavel, Montaigne, Erasmo, Marcílio Ficino, Nicolau de Cusa e Bodin. Para uma exposição e aprofundamento a respeito da corrente renascentista, conferir em: CARDOSO, Sérgio. Sobre a civilização do renascimento. In: PINTO, F. M.; BENEVENUTO, F., comps. **Filosofia, política e cosmologia: ensaios sobre o renascimento**. São Bernardo do Campo, São Paulo: UFABC, 2017, p. 15-32. Consultem-se também: CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática. 2000.

<sup>10</sup> O Helenismo está ligado intimamente à figura de Alexandre, o Grande, (Rei do Império Macedônio). Ela é dotada de aspectos da cultura grega e romana; inicia por volta do séc. IV a.C. estendendo-se até o início da Idade Média. Neste contexto, o tema central das investigações dos filósofos passa a ser a busca pela vida feliz. Em vista disso, a reflexão muda seu olhar para o indivíduo, este se torna o foco da atenção. Dentre os filósofos deste período destaca-se Epicuro. Para ele, a filosofia deve tornar possível ao homem o gozo da felicidade e a amenização o sofrimento. A filosofia helenística volta o seu olhar para o ser humano em particular e se esforça para apresentar um método eficiente para que este possa segui-lo e, conseqüentemente viver uma vida reta e feliz. Logo, percebe-se que há uma ênfase por parte dos filósofos nas questões morais e ética. Por conseguinte, a filosofia ensinou o homem a viver, ser feliz e cuidar de sua espiritualidade, ou seja, ela iluminou a

## 2.2 DAS CARACTERÍSTICAS DOS POVOS DO NOVO MUNDO

Uma das grandes reviravoltas que abalaram praticamente todas as estruturas da sociedade europeia se deu devido ao descobrimento do Novo Mundo. Na visão de Danilo Marcondes (2012), deste acontecimento desencadeou a ruptura da tradição e, conseqüentemente possibilitou a inauguração do que mais tarde se chamaria de pensamento moderno<sup>11</sup>, contexto em que o ceticismo é revisitado. Considerando a ausência de um método eficiente, como identificar esses povos, até então, escondidos no anonimato? Por conseguinte, os pensadores da época interrogavam-se se esses seres poderiam resultar de uma outra criação de Deus. Problemática essa, que foi discutida desde o período da renascença<sup>12</sup>. Quiçá estariam essas criaturas livres da influência do pecado original? Segundo Marcondes (2012), a representação desses povos constitui um contraponto da figura do homem europeu, ou seja, os nativos seriam como que a outra face da moeda.

Os principais relatos de Montaigne a respeito dos povos nativos do Novo Mundo estão nos *Ensaio*s, de modo mais específico, nos capítulos I e III, intitulados: *Dos canibais* e *Dos*

---

consciência e capacitou o indivíduo sobre os males da alma, os medos da vida e as crenças errôneas. É neste contexto que surgem algumas escolas a saber: cinismo, epicurismo, estoicismo e ceticismo. Destaca-se também que o pensamento de Montaigne foi influenciado por essas teorias. Conferir o interessante estudo de Giovanni Reale a respeito deste período histórico que compõe a filosofia antiga em: REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga III. Os sistemas da era helenística**. Tradução de: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. (Série História da Filosofia).

<sup>11</sup> Compreende-se a modernidade enquanto um período de tempo caracterizado pela realidade econômica, cultural, social, religiosa, política que são atuais no mundo, isto é, coexistem em um mesmo período de tempo. Para entender o contexto do presente, é necessário voltar na história e rever os acontecimentos do passado. Logo, enquanto a Revolução Francesa causou a ruptura com relação ao período medieval (Onde era predominante a filosofia escolástica e as normas estabelecidas pelo Catolicismo atribuíam um norte ao pensamento) e apontou a razão como faculdade para se buscar o conhecimento. Como fruto dessa mudança histórica surge a corrente ideológica denominada Iluminismo. Os filósofos adeptos à essa forma de pensar apontavam a experiência através dos sentidos enquanto meio para se chegar ao verdadeiro conhecimento das coisas. Conseqüentemente, o pensamento racionalista bagunçou os pilares da sociedade, já que estes apoiavam-se nas teorias teológicas. Se por um lado, a ciência ganhava força mediante o racionalismo e ideais igualitários, de outro a monarquia dava espaço aos movimentos democráticos que começavam a ganhar vida. Assim como Michel de Montaigne, René Descartes também foi um dos filósofos importantes desse contexto. Sua obra, *Discurso do método*, serviu de inspiração para o desenvolvimento da filosofia moderna que foi o advento da revolução industrial. Em meio aos conflitos armados e ideológicos, aumentava a produção de bens materiais, as terras passaram a ser privadas, as pessoas migraram dos campos para as cidades e trabalhar nas indústrias, surge o sistema capitalista que passa a reorganizar o mundo. Conforme Zygmunt Bauman, a desordem gerada leva o homem moderno a buscar pela ordem. São características da modernidade a globalização e as divisões de classes, indivíduos e nações. Os países atuais foram formados a partir da lógica de inclusão e exclusão, como exemplo, cita-se os limites estabelecidos para delimitar as fronteiras. A busca pelo progresso também foi uma característica que somada às Grandes Guerras e à corrida armamentista, estimularam o desenvolvimento tecnológico e científico, modificando assim as percepções humanas a respeito do mundo. Assim como os períodos anteriores surgiram e ficaram na história, o mundo está sempre se reinventando. Em vista disso, será que a humanidade está próxima ou distante de um novo rompimento? Para um maior aprofundamento a respeito do tema, recomenda-se a leitura de: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

<sup>12</sup> Uma definição a respeito da questão é apresentada por Isaac de la Peyrère (1655), e pode ser consultada segundo: Richard Popkin, 2000, cap. XI.

*coches*. Ademais, algumas passagens podem ser encontradas na *Apologia*. O filósofo muito se interessou pelas conquistas das novas terras pois que, segundo Zimmermann (2019), ele estabeleceu contato pessoal com pessoas da época que, por sua vez, estiveram na América ou eram nativas de lá. Não obstante, Montaigne teve acesso a inúmeras literaturas sobre os nativos bem como das Novas Índias nos séculos XV e XVI. Para além disso, ele também leu histórias sobre o Brasil escritas pelos viajantes franceses como, por exemplo: André Thévet, Jean de Léry e os espanhóis Nicolas Durand de Villegagnon e Gonzalo Fernandes de Oviedo (Cf. ZIMMERMANN, 2019, p. 196). Em decorrência disso, Montaigne faz inferências filosóficas e comenta a respeito dos costumes, dos valores humanos e da vivência. A finalidade de seus comentários sobre a cultura e o modo de viver desses povos visa causar impacto no pensamento europeu e confrontar ambos os estilos de vida. O filósofo apresenta uma multiplicidade de culturas com costumes radicais, expondo, desse modo, os desafios que surgem quando se busca entender e atribuir uma explicação às experiências humanas devido às diversidades existentes (Cf. MARCONDES, 2012, p. 431). Considerando Zimmermann (2019, p. 197), em outras ocasiões, o modo de vida dos indígenas é descrito pelo filósofo para dar ênfase em sua pureza, sua intimidade com o meio ambiente e, fazendo entender que eles gozam de um modo mais genuíno pelo fato de viverem assim.

Montaigne discorre sobre a distinção cultural entre Europeus e nativos. Assim, no capítulo XXIII dos *Ensaaios*, intitulado *Dos costumes e da inconveniência de mudar sem maiores cuidados as leis em vigor*, o autor define o costume como um insidioso e violento professor. Ele se instala lentamente e com o tempo ganha autoridade sobre cada um, no começo é humilde, mas após afirmar-se desvela uma expressão imperativa para a qual, o sujeito se quer ousa levantar os olhos (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 61). Foi por meio do hábito que alguns alimentavam-se de aranhas, outros acostumaram o estômago ao veneno. Ademais, o hábito exerce uma força gigante sobre os seres humanos, pois o que se apresenta como normal para os povos do Novo Mundo é estranho para os ocidentais, a exemplo:

Nesse mundo das Novas Índias há povos importantes e em climas variados que as comem [as aranhas] e as criam para tanto, como o fazem com os gafanhotos, as formigas, os lagartos, os morcegos, os quais são cozidos e servidos de diversas maneiras. Um sapo, em época de penúria, aí se vende por seis escudos. MONTAIGNE, 1972, p. 61.

Apesar de interrupções e ou longos intervalos de tempo, o hábito continua mantendo vivo o efeito das impressões que, em um dado momento, ataçaram os sentidos de cada um em suas respectivas situações vivenciadas. Para Montaigne, o hábito retira do homem a possibilidade de expressar um juízo sadio, pois que na razão há espaço para todas as opiniões

e costumes (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 62-63). Consequentemente, na visão do filósofo, é preciso estar atento aos hábitos que vão sendo adquiridos, já que podem induzir às ações equívocas, pois os mesmos carregam um sentido subjetivo e não são universais, antes distinguem conforme a cultura que representa e identifica cada povo.

Consequência dos costumes e hábitos que historicamente vão sendo desenvolvidos, ganhando força e enraizando nas civilizações, eles passam a adquirir peculiaridades e características próprias que as definem, representam e individualizam dando origem a uma diversidade de povos. Para ilustrar tais discrepâncias, alguns exemplos que compõem os *Ensaio*s, serão apresentados:

Há povos entre os quais, à exceção de sua mulher e de seus filhos, ninguém fala ao rei sem intermediários. Em certa nação, as virgens exibem as partes do corpo que o pudor recomenda se sonegarem à vista, enquanto as mulheres casadas as cobrem e escondem cuidadosamente. Alhures, existe o costume (não sem relação com o precedente) de só se considerar obrigatória a castidade para a mulher casada. As solteiras podem entregar-se à vontade e quando emprenham porventura podem provocar o aborto, mediante drogas especiais e sem recorrer ao segredo. [...] existem países onde os filhos não herdaram, e sim os sobrinhos e irmãos; alhures a herança cabe aos sobrinhos somente, salvo quando se trata da sucessão do príncipe. [...] em certas regiões, choram a morte das crianças e festejam a dos velhos; [...] noutras podem os homens vender suas esposas se são estéreis; noutras cozinham o corpo do defunto e moem-no até que vire uma papa e então bebem-no com o vinho; [...] noutras os pais alugam seus filhos aos hóspedes para que deles gozem; e os maridos emprestam suas mulheres; noutros não é crime ter filhos da própria mãe, como não o é se unirem os homens a suas filhas e filhos; noutros durante os festins abusam das crianças e as passam de mãos em mãos sem se preocuparem com o parentesco. Há países onde comem carne humana. Em tal outro é dever piedoso matar o pai que atingiu uma certa idade; [...] em algumas regiões, os maridos velhos emprestam suas mulheres aos jovens, em outras elas são comuns a todos, e isso sem pecado (MONTAIGNE, 1972, p. 63-64).

Estas são algumas das tantas exemplificações usadas pelo filósofo para deixar claro que os costumes imperam no mundo por meio dos hábitos<sup>13</sup>. Da mesma forma, as normas que regularizam a estrutura social e também ordenam a natureza brotam das opiniões aceitas pela comunidade. Porém, é preciso ficar atento com ele, uma vez que “O principal efeito da força do hábito reside em que se apodera de nós a tal ponto que já quase não está em nós recuperarmos e refletirmos sobre os atos a que nos impele” (MONTAIGNE, 1972, p. 65). Convém ao ser humano investigar a respeito dos hábitos, pois que através deles cada sujeito passa a considerar suas ideias e interpretações sobre o mundo transmitidas pelos antepassados ao longo das gerações como absolutas e naturalmente verdadeiras. Daí, para preservar seus costumes, os indivíduos caem em equívoco na medida em que adotam um posicionamento de

---

<sup>13</sup> Sobre os costumes distintos entre os povos, consultar também, por exemplo, *Ensaio*s II, XII, p. 228; II, XII, p. 269. Onde, para além dos costumes, o filósofo argumenta sobre o conceito de beleza ao mostrar que a noção de belo não possui uma regra natural. Por isso, o homem lhe atribui as mais diversas formas e fantasias.

rejeição e negação para com as novidades. Em vista disso, justificam sua posição, isto é, seu pensamento intolerante ao afirmar que o novo, isto é, aquilo que se lhes apresenta como algo desconhecido ou que não faz parte de sua cultura, tampouco seus costumes, por conseguinte não possui um fundamento na razão. Os relatos do filósofo no que tange os aspectos da cultura buscam deixar claro que elas são relativas. Logo, não há um único critério absoluto e universal que possa decidir certo e errado, justo e injusto, bom e mau, harmonioso e assimétrico. Ademais, a própria *Apologia*, escrita pelo filósofo, apresenta um certo relativismo cultural.

Em *Dos canibais*, para enfatizar a relativização dos povos o filósofo menciona os costumes dos citas. Estes, queimavam seus adivinhos quando apontavam previsões equivocadas. Havia também entre os selvagens os guerreiros que, após derrotar seus inimigos, decapitava-os, e em seguida, suas cabeças eram penduradas na entrada da casa como troféu. Os prisioneiros, por sua vez, como forma de vingança, eram espancados até a morte e posteriormente assados e consumidos. Outro método para eliminar os inimigos, consistia em enterrá-los pela cintura, feri-los com flechas e enforcá-los depois (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 107).

À primeira vista, os europeus adotam um comportamento de condenação a respeito de tais ações realizadas pelos primitivos. Contudo, o filósofo adverte para que o fato de julgar as ações do outro não se torne um meio para desviar o olhar do juízo sobre os seus próprios comportamentos (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 107). Ainda segundo Montaigne (1972, p. 107), “Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé”. Analisando nesta mesma perspectiva, em muitas situações o homem, que se diz culto e civilizado, extrapolou os nativos no que tange a prática de abusos possíveis. Em vista disso, o conceito de “bárbaro” não passa de algo subjetivo a cada cultura e também restrito às suas práticas e costumes. Destarte, Montaigne (1972, p. 105), especifica: “[...] cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só podemos julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela idéia dos usos e costumes do país em que vivemos”. Se para os europeus os nativos são estranhos, logicamente é natural que estes também o são para aqueles. Isso apenas reforça a ideia contida na expressão – todo ponto de vista é a vista de um ponto – do filósofo brasileiro chamado Leonardo Boff. Ainda dentro desta mesma perspectiva, na *Apologia*, o filósofo argumenta que o ser humano teme qualquer aproximação ou relacionamento com todas as

coisas que não conhece ou se lhes aparentam como estranhas<sup>14</sup>. Logo, a reação mais frequente tomada por muitos nesta situação consistirá em condenar toda e qualquer novidade que possa conter estas características (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 221).

Em contrapartida, a dificuldade de aceitar, conviver e respeitar o diferente foram elementos que contribuíram significativamente para a ocorrência dos conflitos entre europeus e nativos. Nos *Ensaio*s, o filósofo discorre sobre os mais distintos atos de crueldade, abuso de poder, intolerância e violência praticados no seu tempo<sup>15</sup>. Ao fazer comentários a respeito das guerras, Montaigne não toma uma posição na disputa, sequer manifesta um juízo moral sobre elas, apenas descreve seus efeitos cruéis, como se pode verificar em *Da crueldade*:

Vivo em uma época em que, por causa de nossas guerras civis, abundam os exemplos de incrível crueldade. Não vejo na história antiga nada pior do que os fatos dessa natureza, que se verificam diariamente e aos quais não me acostumo. Mal podia eu conceber, antes de o ver, que existissem pessoas capazes de matar pelo simples prazer de matar; pessoas que esquartejam o próximo, inventam engenhosos e desconhecidos suplícios e novos gêneros de assassinios, sem ser movidos nem pelo ódio, nem pela cobiça, no intuito único de assistir ao espetáculo dos gestos, das contorções lamentáveis, dos gemidos, dos gritos angustiados de um homem que agoniza entre torturas. É o último grau a que pode atingir a crueldade... (MONTAIGNE, 1972, p. 207).

As passagens descritas por Montaigne são profundas e impactam a imaginação daqueles que fazem a leitura de sua obra. Fragmentos como o mencionado acima, além de expressar o drama da violência, também faz, conforme Zimmermann (2019), um forte apelo à paz diante de tanta destruição, morte e sofrimento provenientes da ação humana desregrada. Frequentemente o filósofo realiza comentários e também faz denúncias sobre os atos de crueldade, a opressão, a aflição, os massacres, etc... através da leitura dos escritos de viajantes e por meio dos fatos oriundos dos conflitos religiosos na Europa, mais especificamente no território francês<sup>16</sup>. Disputas que em sua maioria, são influenciadas pelo desejo humano de poder, *status*, riqueza ou a mera discrepância entre os costumes e as crenças. Para satisfazer

<sup>14</sup> Conferir, também: MONTAIGNE (1972, p. 62-63).

<sup>15</sup> Nos *Ensaio*s, alguns fragmentos fazem alusão aos conflitos, como: I, 26; I, 28; I, 31; II, 5; II, 6; II, 7; II, 11; II, 12; II, 15; II, 16; II, 17; II, 19; II, 23; II, 33; II, 34; III, 9; III, 12; III, 13.

<sup>16</sup> Um exemplo pertinente é apresentado pelo filósofo em *Dos coches*, quando o mesmo aborda a descoberta do Novo Mundo e as crueldades praticadas contra os povos indígenas, especificamente contra os mexicanos e peruanos, a saber: “Nosso mundo acaba de descobrir outro não menor, nem menos povoado e organizado do que o nosso [...] Era um mundo na infância e o submetemos ao açoite e a uma dura escravidão, mercê de nossa superioridade em armas. Não o conquistamos pela justiça e a bondade, nem o vencemos pela nossa magnanimidade. Na maioria das negociações que conosco estabeleceram, provaram os indígenas do Novo Mundo que não nos eram inferiores em clarividência e perspicácia. É de se admirar o entusiasmo indomável com que homens, mulheres e crianças correram mil riscos e enfrentaram mil perigos na defesa de seus deuses e de sua liberdade, suportando toda espécie de privações e tormentos, inclusive a morte, para não se submeterem aos conquistadores. Aproveitamo-nos de sua ignorância e inexperiência e lhes ensinamos a prática da traição, da luxúria, da avareza; e os impelimos aos atos de crueldade e de inumanidade” (MONTAIGNE, 1972, p. 416-417).

uma vontade depravada, alto é o preço a ser pago, uma vez que milhões de vidas são ceifadas, cidades completamente destruídas e muitos povos acabam sendo extintos. “Miseráveis vitórias! Nunca a ambição incitou a tal ponto os homens a tão horríveis e revoltantes ações” (MONTAIGNE, 1972, p. 417).

Os *Ensaio*s, transparecem o pensamento de um homem visionário capaz de interpretar os acontecimentos históricos sem deixar de fazer sua crítica apontando os erros gravíssimos causados pelo homem aos seus semelhantes. Segundo Zimmermann (2019), os comentários do filósofo a respeito das atrocidades cometidas no Novo Mundo expressam seu desagrado e reprovação ultrapassando, assim, uma mera descrição de fatos. Ademais, em *Da fisionomia*, o filósofo reforça sua posição, ao explanar sobre os hábitos, no tocante aos abusos cometidos pelos estrangeiros para que tais ações não sejam interpretadas como acontecimentos normais ao afirmar: “O sofrimento prolongado transforma-se em hábito e este engendra a resignação e acarreta a imitação” (MONTAIGNE, 1972, p. 471). Ou seja, havendo a perpetuação de hábitos desordenados, com o tempo os bons são contagiados, passando a receber influência dos vícios e suas depravações. Assim, com o juízo ofuscado pelas corrupções, elevam-se as possibilidades de o sujeito agir de maneira injusta e má. A França encontrava-se desse modo no tempo de Montaigne, em meio a uma guerra hedionda, aonde bons e maus estavam mesclados.

Em conformidade com Zimmermann (2019), percebe-se que a dor é um fato que se impõe a todos os seres vivos. Não há como crer que essa sensação seja uma simples projeção mental ou fruto de um cálculo racional, antes é real e ultrapassa os limites políticos e religiosos. Para o filósofo, exceto a morte, tudo o mais pode ser causa de dor, são exemplos clássicos: os mais distintos métodos de tortura, os sofrimentos e tormentos que se dão ao longo da vida, etc. Montaigne é muito sensível para com relação às demais pessoas, conforme ele mesmo expressa em *A força da imaginação*: “Sou desses sobre os quais a imaginação tem grande domínio. [...] não raro sofro de sentir que alguém sofre” (MONTAIGNE, 1972, p. 55).

Após relatar nos *Ensaio*s a respeito dos mais variados povos – destacando os europeus bem como os habitantes do Novo Mundo – e comprovar que embora apresentem semelhanças, muitas distinções são encontradas em todas as esferas que regem, organizam, governam e norteiam suas comunidades. Em vista disso, considerando que cada ser humano compõe uma cultura particular e adquire, por meio dela, princípios e valores aos quais vai aprendendo enquanto ainda criança à medida que vai se desenvolvendo, logo se torna incapaz de julgar os demais costumes e, conseqüentemente afirmar quais dentre eles são civilizados ou brutos. Uma vez que, para tamanho feito, seria necessário o auxílio de um critério

universal, isto é, acima de qualquer visão cultural para que tal julgamento moral fosse justo (Cf. ZIMMERMANN, 2019, p. 203).

De acordo com o descrito por Montaigne na *Apologia*, assim como a natureza garante o alimento e a bebida aos animais, também provem as necessidades do ser humano (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 216). Diferente dos europeus que levam uma vida repleta de regras e padrões a serem seguidos e executados, os indígenas, por sua vez, por terem menos inquietações e um conhecimento mínimo das artes, da ciência e da filosofia, atingem com maior facilidade a felicidade almejada pelos antigos (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 232). Ainda, é na figura dos nativos que o filósofo encontra um exemplo ideal para falar da simplicidade natural, a saber:

Esses povos não me parecem, pois, merecer o qualificativo de selvagens somente por não terem sido senão muito pouco modificados pela ingerência do espírito humano e não haverem quase nada perdido de sua simplicidade primitiva. [...] sou de opinião que o que vemos praticarem esses povos, não somente ultrapassa as magníficas descrições que nos deu a poesia da idade de ouro, e tudo o que imaginou como suscetível de realizar a felicidade perfeita sobre a terra, mas também as concepções e aspirações da filosofia. Ninguém concebeu jamais uma simplicidade natural elevada a tal grau, nem ninguém jamais acreditou pudesse a sociedade subsistir com tão poucos artifícios (MONTAIGNE, 1972, p. 106).

A argumentação de Montaigne questiona os julgamentos e preconceitos carregados pelos europeus. Em vista disso, ele contrapõe os costumes do povo civilizado com o modelo de vida dos nativos e conclui que estes, ao levarem uma vida mais simples e desprovida de tantas ferramentas, são mais felizes. Não obstante, também superam a cultura dos colonizadores em muitos elementos. Os *Ensaio*s demonstram que cada cultura possui qualidades e vícios, porém todas gozam de valor inestimável, logo uma não é superior a outra. Além do mais, para Marcondes (2012), os indígenas são apresentados pelo filósofo, pois que em sua simplicidade, eles apontam as fragilidades, expõem as limitações e a inferioridade do homem. Dessa maneira, servem como pretexto para que a estrutura social da França pudesse ser criticada.

O pensamento filosófico de Montaigne serve de advertência, denúncia e alerta para que os povos cultivem um respeito mútuo, comunguem daquilo que é possível e aceitem a diferença por meio do diálogo. Esta ferramenta garante a paz entre as nações, preserva os direitos e assegura que cada um possa existir e prosperar segundo a sua cultura. Assim sendo, conforme Marcondes (2012, p. 431) enquanto “A dificuldade que se encontra em entender e interpretar a experiência humana, sobretudo devido à sua diversidade e à diferença dos costumes”, são aprofundadas e radicalizam esse empasse. Montaigne, por outro lado, “[...]”

mostra as variações nos costumes e suas diferentes possibilidades de forma que, na consideração das culturas, não se trata de estabelecer uma alteridade, [...] mas uma pluralidade de culturas” (MARCONDES, 2012, p. 431). À vista disso, entende-se que, do ponto de vista moral, os seres humanos não podem ser julgados com base em sua natureza. Entretanto, os costumes podem ser julgados e quando necessário condenados na medida em que são cruéis ou violentos, tanto para os habitantes do Novo Mundo, como para os europeus, caso atrocidades sejam cometidas por eles.

Com os *Ensaio*s de Montaigne, segundo Zimmermann (2019), ficaram mais voláteis as críticas e denúncias ao contexto difícil e violento da época. Logo, por meio da obra, o filósofo instiga e faz um apelo para que uma consciência moral seja gestada para ultrapassar as visões de mundo vigentes, pois que essas são responsáveis pelas contendas e conflitos. Assim, a solução para tamanha problemática consistiria na elaboração de um critério para determinar as crenças, os costumes e hábitos mais adequados ao homem.

Em suma, com base nos escritos de Montaigne, fica evidente que a criatura humana é, sem dúvidas, um ser complexo e marcado por muitas incompreensões. É uma criatura racional, com vontades, desejos, vaidades, vícios e virtudes. Nos *Ensaio*s, o homem reflete enquanto sujeito social ao qual se organiza, pensa e estrutura o mundo segundo suas leis. Ademais, cada civilização desenvolve a sua cultura juntamente com características peculiares e, por vezes, muito pessoais que as fazem distintas umas das outras. Seria a diferença algo positivo? À primeira vista, levando em consideração tantos exemplos de indiferença, violência, egoísmo, atos desumanos, atrocidades, humilhações, etc... praticadas entre os povos, parece ser um grande problema. Contudo, a diferença quando vivida de maneira equilibrada e estimulada pelo respeito, estreita as relações, possibilita a troca de conhecimento e experiências. Em vista disso, o item a seguir visa discorrer sobre o ser humano e seus aspectos, com base na perspectiva montaigniana.

### 2.3 O SER HUMANO

Para quem teria sido feito o mundo? tal interrogação é respondida por Cícero no diálogo *De Natura Deorum*, da seguinte maneira: “Sem dúvida, para seres que têm o uso da razão, a saber, os deuses e os homens, certamente os mais perfeitos de todos os seres” (*apud* EVA, 1992, p. 109). Essa passagem, conforme Luiz Antonio Alvez Eva (1992), tem a finalidade de contribuir para com a demonstração a respeito da existência da providência de

um ser metafísico superior a todas as criaturas. Tal argumentação parte do pressuposto de que para a natureza ser perfeita, Deus deve estar no mundo, pois que, como ela segue uma ordem, conseqüentemente também não seria fruto do simples acaso. Além disso, em outro momento, Cícero acrescenta que as coisas foram criadas por causa dos homens e dos deuses, as coisas que nele existem foram inventadas e feitas para que as pessoas pudessem usufruir. O mundo, é o lar dos seres celestiais e também humanos. Além do mais, apenas os seres mais desenvolvidos podem usar da razão e, com efeito, viver pela justiça e também pela lei (CÍCERO *apud* EVA, 1992, p.110).

A pessoa humana é hermética, ou seja, repleta de mistérios a serem desvendados pela ciência e conhecidos ao longo da vida. Contudo, valendo-se da experiência é possível afirmar que essas substâncias, isto é, corpo e alma, dão vida e forma ao homem, além de estabelecerem uma íntima relação entre si mesmas, pois que um depende do outro. Segundo Duarte (2011), os próprios fatos corriqueiros constituem as evidências necessárias para fundamentar empiricamente a relação entre estas duas partes. Para além disso, a ideia de uma alma mortal é transmitida pelo filósofo na *Apologia* pois que: se ela, além de estar unida ao corpo, está sujeita aos efeitos do tempo e junto com ele também envelhece. Considerando que ela é tão frágil quanto à matéria que anima, segue-se que para alguns intelectuais como John W. Cooper, Ellen White, dentre outros, a alma também é mortal e finita quanto aquela matéria em que habita. Sobre essa união, Montaigne assim se expressa:

[...] a alma nasce e vive nas mesmas condições que o homem. Era opinião de Epicuro e Demócrito, e a mais facilmente aceita, que a alma nasce com o corpo no momento adequado, suas forças, juntamente com as forças físicas do indivíduo; que constatamos sua fraqueza durante a infância e vemos seu vigor e sua maturidade se ampliarem com o tempo, e seu enfraquecimento sobrevir na velhice. E enfim sua decrepitude [...] percebiam-na capaz de diferentes paixões, e de agitações penosas, causadoras de lassidão e sofrimento, suscetível de alterações e mutações, de alegrias e langores [...] viam-na igualmente perturbada e excitada pelo vinho; agitada pela febre, adormecida sob a ação de alguns medicamentos, despertada por outros: “cumpro que a alma seja corporal, pois é sensível às sensações do corpo” (MONTAIGNE, 1972, p. 25-259).

Servindo-se de diversos exemplos, Montaigne desenvolve sua fundamentação a respeito da alma para posteriormente afirmar que o homem enquanto ser frágil, humilde e limitado, não consegue por seus esforços contemplar a verdade em si mesma, pois que tal conhecimento pertence apenas a Deus, pois que este ocupa uma posição superior e consegue contemplar a realidade de forma completa. Por outro lado, ao ser humano, convém estimular o ceticismo com relação ao mundo.

Embora a humanidade seja distinta dos demais seres que compõem a natureza e desfrute de um desenvolvimento mais apurado com relação a eles, não goza de uma posição privilegiada que a torne maior e ou superior às demais criaturas. Assim sendo,

O homem não pode querer julgar o todo que o abarca, dado que é apenas uma ínfima fração dele e que sua própria razão, como tudo o que se situa na esfera sublunar, sofre a influência dos astros. Nada garante que a posse da razão confira ao homem uma posição privilegiada no universo: se nossa experiência particular nos mostra como os únicos seres racionais, isso não constitui uma prova de que os astros não sejam também dotados de razão e ocupem, portanto, uma posição superior (MONTAIGNE, 2010, p. 452).

O filósofo enfatiza a imensidão do universo para assim, deixar evidente o quão frágil e limitado é a natureza do homem, mesmo este sendo superior aos seres que com ele coexistem, quando é feita uma comparação dele com o todo, fica claro que ele continua sendo apenas mais um dentre os que gozam da existência. Assim sendo, toda a superioridade ao qual a humanidade julga ostentar, consiste em uma mera ilusão dos fatos, isto é, não passa de um pensamento fruto de ingênua e pura imaginação. Além do mais, dessa imaginação decorre a vaidade (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 214-215). Por meio dela, cada sujeito busca igualar-se a Deus na medida em que vai atribuindo a si mesmo as qualidades da divindade; distribui as faculdades físicas e intelectuais segundo ordena a sua vontade; se considera superior com relação aos seres que apenas existem e vivem, como é o caso dos animais e os seres inanimados<sup>17</sup>.

É por gozar da faculdade racional que o homem tem a capacidade de refletir sobre si mesmo, tomar consciência de sua existência, desenvolver uma cultura, criar uma história e perpetuar nela a sua existência. Entretanto, neste mundo temporal, tudo o que nele se encontra está sujeito aos efeitos do espaço/tempo e sendo corruptível, também é finito. Conforme escrito nos *Ensaio*s:

Nós mesmos e os objetos não temos existência constante. Nós, nosso julgamento, e todas as coisas mortais, seguimos uma corrente que nos leva sem cessar de volta ao ponto inicial. De sorte que nada de certo se pode estabelecer entre nós mesmos e o que se situa fora de nós, estando tanto o juiz como o julgado em perpétua transformação e movimento (MONTAIGNE, 1972, p. 280).

---

<sup>17</sup> Com a finalidade de enfatizar a vaidade da pessoa humana, nos *Ensaio*s, o filósofo continua sua reflexão e argumenta: “A presunção é doença natural e inata em nós. De todas as criaturas, a mais frágil e miserável é o homem, mas ao mesmo tempo, como diz Plínio, a mais orgulhosa. Ele se sente e se vê colocado na lama e no esterco do mundo, amarrado, pregado à pior parte do universo, à mais morta, à mais afastada dos céus, junto com os animais da mais baixa categoria das três existentes, e ei-lo que pela imaginação se alça acima da órbita da lua e supõe o céu a seus pés!” (MONTAIGNE, 1972, p. 214). Conferir também: EVA, (1992, p. 107).

Tudo está em uma constante transformação! Em decorrência disso, o homem enquanto ser limitado e transitório, que nasce e morre, consegue extrair da natureza apenas elementos que compõem sua aparência (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 281). Neste sentido, o filósofo acrescenta, a saber: “[...] pelo fato de toda coisa estar sujeita à transformação, a razão nada pode apreender na sua busca do que realmente subsiste, pois tudo, ou nasce para a existência e não está inteiramente formado, ou começa a morrer antes de nascer” (MONTAIGNE, 1972, p. 282). Os fragmentos extraídos dos *Ensaaios*, reforçam a ideia de que o homem por si mesmo, não consegue conhecer a verdade, uma vez que a natureza se modifica a todo instante. Logo, na visão de Jaimir Conte (1996, p. 55), “somente por meio da graça de Deus, e não através dos esforços humanos, podemos alcançar algum contato com a realidade”. Esse posicionamento, além de despertar a atenção para a fragilidade da pessoa humana, também provoca uma reflexão sobre aquilo que cada indivíduo ou grupo social sustenta como sendo a verdade – sustentada pela faculdade da razão – e que, por vezes, tal posicionamento acaba alimentando ou desencadeando os conflitos, como os que já foram apresentados<sup>18</sup>.

Uma vez que a faculdade da razão ocupa um papel fundamental no que tange a operação do aparato cognitivo humano que, por sua vez, desenvolve o conhecimento epistemológico. Se faz oportuno, discorrer a respeito dessa aptidão natural, isto é, a razão, apresentando-a com argumentos ancorados no pensamento filosófico de Montaigne referenciado em seus *Ensaaios*.

#### 2.4 A RAZÃO ENQUANTO SUBSTÂNCIA QUE COMPÕE O HOMEM

É intrínseco à alma o anseio que a faz mover-se na busca do conhecimento a respeito da verdade. “Quiseram os filósofos tudo examinar, tudo comparar, e assim encontraram uma ocupação suscetível de alimentar a curiosidade natural que há em nós” (MONTAIGNE, 1972, p. 241). Afinal, o que é a verdade? É comum ao homem o desejo de conhecê-la, tanto é que o desejo finda apenas quando o sujeito que outrora ansiava, também se depara com o fim, isto é, a morte. Assim sendo, nos *Ensaaios* Montaigne reflete sobre a ignorância humana, pois que em todas as incursões e investigações científicas os pensadores não conseguem apresentar uma resposta à um paradigma de modo definitivo. Tal posicionamento fica evidente, uma vez que,

---

<sup>18</sup> No que tange a limitação humana, Marcelo da Costa Maciel (2011, p. 53-54) ao se referir à razão, explica que esta não consegue ultrapassar os limites da própria humanidade para apresentar resultados eternos, indubitáveis, *a priori*, pois que o homem é um composto biológico. Logo, sendo improvável que o mesmo consiga transcender sua própria condição, seu conhecimento sempre será algo limitado, inseguro, passível de equívocos e erros.

ao longo do tempo, inúmeras são as teorias criadas para responder a uma mesma problemática. Consequentemente, devido à confusão que vai sendo criada, aumenta proporcionalmente a dúvida com relação aos sistemas filosóficos apresentados. Sobre as teorias, o filósofo se expressa da seguinte maneira:

Duvido que Epicuro, Platão e Pitágoras tenham acreditado seriamente em suas teorias dos átomos, das idéias e dos números; eram demasiado sábios e prudentes para crerem em coisas tão pouco assentadas e tão discutíveis. O que na realidade pode assegurar-se é que, dada a obscuridade das coisas do mundo, cada um desses grandes homens procurou encontrar uma imagem luminosa delas. Seus espíritos acharam explicações que tinham pelo menos uma certa verossimilhança e que, embora não averiguadamente verdadeiras, podiam ser sustentadas contra as idéias contrárias (MONTAIGNE, 1972, p. 241).

Na passagem acima fica transparente a ideia de que as pessoas na busca pela verdade elaboram suas teorias e as justificam por meio da experiência. No entanto, em fim último, até elas mesmas desconfiam de suas elaborações, pois que elas não passam de especulações sobre a verdade. Logo, são aceitas até o momento em que surge outra mais plausível e a substitui em um movimento que se dá sucessivamente<sup>19</sup>, uma vez que o próprio Montaigne argumenta na *Apologia* (1972, p. 268): “Temos, portanto, quando se apresenta uma nova doutrina, razões de sobra para desconfiar e lembrar que antes prevalecia a doutrina oposta. Assim como esta foi derrubada pela recente, no futuro uma terceira substituirá provavelmente a segunda”. Conforme Conte (1996), tais pensadores são sábios, porque não defendem, a qualquer custo, as verdades que desenvolveram, antes reconhecem que elas podem ser duvidosas, já que são influenciadas pelos efeitos do tempo. Logo, a respeito da filosofia, afirma-se: “[...] é o mais sublime esforço da ciência humana, mas apenas produz um conflito de opiniões igualmente incertas, teorias que não possuem nem corpo nem base, que não passariam de ‘sonhos e fantasias’” (CONTE, 1996, p. 37). Sobre isso, conclui Montaigne (1972, p. 253) na *Apologia*, “[...] a filosofia não passa de uma poesia feita com sofismas”. Ela pode ser uma ótima distração, pois que sua busca pode perdurar para sempre. Além do mais, as teorias são frutos

---

<sup>19</sup> Levando em consideração que o mundo e tudo o que o compõe, por não gozar da incorruptibilidade, é passível de corrupção enquanto sofre alterações a todo instante, o homem, por sua vez, juntamente com suas construções físicas bem como seus processos cognitivos também está sujeito à mutabilidade. Montaigne entende que a verdade absoluta não pode ser atingida pelo homem, antes se dá de forma relativa conforme elementos específicos como o contexto e as convenções estabelecidas por cada povo, pois que: “O céu e as estrelas foram durante três mil anos considerados em movimento. Todos acreditaram, até que Cleantes de Samos ou, segundo Teofrasto, Nicetas de Siracusa, se lembrou de sustentar que a terra é que girava em torno de seu eixo, seguindo o círculo oblíquo do zodíaco; e em nosso tempo Copérnico demonstrou tão bem esse princípio, que dele se vale em seus cálculos astronômicos. Que concluir, senão que não temos que nos preocupar com saber qual dos sistemas é o verdadeiro? Quem sabe se daqui a mil anos outro sistema não os destruirá a ambos?” (MONTAIGNE, 1972, p. 268). Ademais, conferir Conte (1996, p. 41-43), pois ele comunga dos mesmos pensamentos de Montaigne ao afirmar que todas as teorias, um dia serão superadas por outras.

da invenção de sujeitos que não podem contemplar o todo da natureza, apenas a parcela que lhes cabe, conforme suas limitações impostas pela natureza. Em decorrência disso, “[...] age a filosofia, apresentando-nos, não o que é ou crê ser, mas o que imagina como solução mais elegante e adequada às aparências” (MONTAIGNE, 1972, p. 253).

De maneira mais consistente, de acordo com Maciel (2011), é na *Apologia* que o filósofo, de fato, ao refletir os conflitos do seu tempo, se empenha para deixar claro que – os adeptos do pensamento ateu e os defensores da reforma protestante – ambos sofrem de um mesmo mal, isto é, são vaidosos na medida em que depositam sua confiança somente na razão humana para fundamentar a verdade e sustentar suas ideias. Por isso, o objetivo central da *Apologia* é: “[...] o de humilhar e espezinhar o orgulho e a arrogância do homem; o de lhe fazer sentir sua inabilidade, sua vaidade, seu vazio; de lhe arrancar das mãos as armas mesquinhas que lhe fornece a razão” (MONTAIGNE, 1972, p. 213)<sup>20</sup>. Consequentemente, Montaigne visa afirmar que se os dogmáticos querem partir de argumentos racionais e sustentam que estes são suficientes para dar a palavra final, o filósofo adverte que da razão decorrem várias incoerências e inconsistências, pois a presunção impede ao ser humano o reconhecimento de sua miséria e, por outro lado o faz crer demasiadamente na capacidade da razão (Cf. MACIEL, p. 53).

Tendo presente as limitações biológicas da espécie humana, isto é, sua natureza finita, não é possível ao mesmo tempo elevar-se para além de sua condição. Logo, as representações obtidas consistem em meras aparências das coisas, estas nunca corresponderão à verdade absoluta do objeto em si mesmo, já que ele não pode ser acessado pelo homem (Cf. DUARTE, p. 129-130). Ademais, o filósofo afirma:

[...] são os efeitos produzidos em nós, e não alhures, pela ação da alma que se devem ponderar. Todas as suas demais perfeições são supérfluas e inúteis; pelo seu estado presente é que se deve reconhecer sua imortalidade, não sendo ela responsável senão pela vida do homem ao qual se une. Determinar-lhe a sorte em vista de tão curto tempo, [...] seria estabelecer uma desproporção entre a causa e o efeito, tão iníqua quanto lhe atribuir uma recompensa eterna pelos méritos de tão curta existência (MONTAIGNE, 1972, p. 258).

Os seres racionais não possuem acesso às coisas superiores, isso é um fato para o filósofo. Em vista disso, cada um deve manter seu olhar para aquilo que lhe é próprio, natural, instável e está ao alcance de sua condição. Considerando as limitações da razão, segundo Duarte (2011, p. 136), “[...] resta aos homens, frágeis e inconstantes, caminhar de acordo com

---

<sup>20</sup> Montaigne quer refutar a razão fazendo uso de argumentos racionais, sem recorrer à fundamentos metafísicos, uma vez que seus opositores ateus “[...] se obstinam em pagar o açoite com que serão açoitados e não admitem que se combata sua razão, senão com a própria razão” (MONTAIGNE, 1972, p. 213).

sua natureza, aceitando, assim, seus sentidos, seu corpo, sua razão, e todas as suas necessidades mais básicas e naturais”. A fragilidade da razão exposta por Montaigne adverte o homem a abandonar sua vaidade e viver de modo simples, isto é, aceitando sua condição limitada no mundo, voltar o olhar para seu interior, antes de voltar-se para as coisas distantes que talvez, por sua complexidade, permanecerão para sempre um mistério.

Para Montaigne, a busca impetuosa pelo conhecimento bem como o anseio pela verdade pode ser mais problemática do que benéfica, pois que a razão possui limites intransponíveis. Conseqüentemente, em *Da experiência*, o filósofo adverte para que as pessoas vivam despreocupadamente, pois: “Nada é tão legítimo e belo como desempenhar o papel de homem em todos os seus aspectos. Não há ciência mais árdua do que a de saber viver naturalmente; e a mais terrível das moléstias é o desprezo da vida” (MONTAIGNE, 1972, p. 502). Para ele, a grandeza da alma se dá quanto mais o sujeito ama as coisas que lhe são comuns do que as elevadas e superiores.

A pessoa humana deve aceitar e conviver com a condição de que a razão, por ser limitada, também é falha, podendo influenciar um julgamento equilibrado ou desregulado, verdadeiro como também falso. A respeito desta faculdade, na *Apologia*, Montaigne (1972, p. 265), assim a define:

Dou esse nome de razão a essa aparência de juízo que cada um forja em si mesmo e que a respeito de um mesmo assunto pode levar a cem apreciações diversas e contraditórias, instrumento feito de chumbo e cera, que se estica e dobra e se ajeita a todas as circunstâncias, a todos os compromissos, e que um pouco de habilidade basta para levar a amoldar-se a quaisquer moldes.

É notório que a faculdade racional, como um camaleão, pode ser usada para camuflar as ideias, teorias, os conceitos, pensamentos etc, em conformidade com as circunstâncias, como também consiste no meio que possibilita estabelecer um julgamento imparcial. Porém, dada as suas limitações e sujeição aos impulsos instintivos, facilmente pode desviar-se do caminho reto. Por isso, o filósofo – colocando-a em descrédito – compara-a com a cera, por ser maleável segundo a vontade de quem apropria-se dela fazendo uso<sup>21</sup>. Para Conte (1996, p. 44), a razão além de possibilitar ao sujeito a justificação de teses e antíteses, não fornece garantia com relação às crenças, em muitas situações cai em contradições e também provoca antinomias insolúveis. Considerando as limitações que a faculdade racional apresenta, as dificuldades que o homem possui quando busca conhecer a verdade e a limitação dos sentidos que lhe fornecem as informações por meio da experiência, bem como estabelecem a relação

---

<sup>21</sup> Conferir também José R. Maia Neto (2012).

do homem com o mundo, é oportuno dar seguimento a este tema apresentando algumas das críticas que Montaigne atribui de maneira específica a esta faculdade.

#### 2.4.1 Crítica de Montaigne à razão

Ao fazer sua abordagem a respeito da faculdade racional ao decorrer dos *Ensaaios*, Montaigne não busca desvalorizar a importância desta categoria na vida do homem, antes apontar os abusos que este realiza ao servir-se dela. Quando usada de modo equilibrado, ela possibilita aos seres humanos os meios necessários para enfrentar os problemas eminentes da existência. Assim sendo, o filósofo faz sua crítica para denunciar a vaidade que induz os sujeitos a crerem que a razão os faz melhores e superiores às demais criaturas. Conte (1996, p. 13), por sua vez, também comunga do pensamento do filósofo ao afirmar que a criatura humana compõe o universo – é parte do meio ao qual se encontra – e não ocupa o seu centro. Por isso, não compete ao homem, por meio de sua ciência, subjugar tudo segundo o seu entendimento, inclusive o Criador.

Para Montaigne, os seres que habitam o mundo seguem uma ordem natural e perfeita que a tudo ordena e governa. Entretanto, parece que o ser humano as perdeu na medida em que “[...] nossa bela razão humana em tudo se mete para dominar e comandar, perturbando e confundindo a fisionomia das coisas a seu talante, segundo sua vaidade e sua inconstância” (MONTAIGNE, 1972, p. 272). Consequentemente, as coisas passam a ser percebidas de modos distintos originando a diversidade de opiniões. Logo, “Um povo encara determinada coisa por um de seus aspectos, o qual fixa suas idéias, outro a vê de modo diferente e por este se guia” (MONTAIGNE, 1972, p. 273)<sup>22</sup>. Isso ocorre pois, na medida em que a razão – por ser um instrumento maleável – permite aos seres racionais atribuir às coisas, as mais distintas aparências. Ademais, os mesmos também a utilizam para fundamentar sua moral, mesmo que de modo parcial e ilusório, (Cf. EVA, 2012, p. 409).

Na *Apologia*, o filósofo desaprova os que se servem da própria razão como critério para julgar uma verdade, seja ela atrelada às religiões ou simplesmente ligada às normas que regem determinada sociedade. Em verdade,

---

<sup>22</sup> Para enfatizar a distinção entre os povos, o filósofo apresenta alguns exemplos, a saber: “Nada me parece mais horrível à imaginação do que um filho comer o pai. Os povos entre os quais esse costume existia outrora encaravam-no entretanto como prova de devoção e afeição, pois visavam dar aos progenitores a mais digna e honrosa sepultura. [...] Licurgo considerava que no furto, a vivacidade, a ligeireza, a ousadia, a habilidade que se empregam em surripiar alguma coisa ao vizinho, são úteis à coletividade, porquanto obrigam o indivíduo a cuidar do que é seu. [...] Dionísio, o tirano, ofereceu a Platão uma toga como a usavam na Pérsia, longa, bordada de ouro e prata, e perfumada; Platão recusou-a dizendo que tendo nascido homem não lhe convinha vestir-se à moda das mulheres. Essa mesma toga aceitou-a Aristipo, “observando que nenhum adorno pode corromper quem está resolvido a conservar a castidade”” (MONTAIGNE, 1972, p. 273).

A autoridade das leis provém de existirem e terem passado para os costumes; é perigoso fazê-las retornarem à sua origem. Como os rios que se avolumam com o rolar das águas, elas adquirem importância e consideração em se aplicando. Remontai-lhe o curso até a nascente e vereis um insignificante filete de água. [...] não é estranho que esses filósofos que tudo perscrutam, que tudo submetem ao exame da razão, nada admitindo sem autoridade, os julguem tão diferentemente do resto do mundo. Tomam por modelo a imagem primeira da natureza e não há como nos espantarmos de que, na maioria de suas opiniões, se desviem do caminho comum (MONTAIGNE, 1972, p. 274).

Percebe-se nesta citação que o filósofo aponta para os critérios que são estabelecidos com base nas aparências e utilizados para fundamentar as leis. Além disso, quando a questão em voga diz respeito à determinação de um ponto de referência coletivo para a vida congregada e as suas regras, o critério para a fundamentação não pode ser o próprio indivíduo. Quando o ser humano extrai as normas com base nos seus hábitos, é muito provável o surgimento de confusões, uma vez que cada sujeito é passível de alteração a todo instante. Em vista disso, as leis tornar-se-ão flexíveis, sofrendo modificações na medida em que se alteram também as paixões, o que na visão do filósofo deve ser evitado (Cf. EVA, 2012, p. 411-412). Dessa maneira, compreende-se que os elementos dispostos ao homem para que o mesmo seja capaz de fundamentar suas opiniões e justificar seus julgamentos é mais complexo do que se pode imaginar, já que os critérios empregados são subjetivos e limitados.

De acordo com o pensamento de Montaigne, parece não ser possível ao homem se deparar com uma verdade absoluta e universal uma vez que as forças e capacidades da razão são limitadas para ler e interpretar o mundo como ele o é em si mesmo. Consequentemente, surgem diversas teorias e meios para explicar o mundo segundo suas aparências. Em meio a um oceano de dúvidas com relação à faculdade racional, enquanto alguns pensadores optam por apostar indubitavelmente em sua capacidade, outros em forma de protesto aliaram-se em prol da ignorância. Em *Dos coxos*, o filósofo explana que

A afoiteza dos que atribuíam ao espírito humano a capacidade de tudo saber levou os outros a afirmarem, por despeito ou contradição, que o espírito não era capaz de coisa alguma. Estes exaltavam ao extremo a ignorância como aqueles glorificavam absurdamente a ciência. De modo que não há como negar que o homem é imoderado em tudo e só para quando forçado pela incapacidade de ir além (MONTAIGNE, 1972, p. 469).

Montaigne não é um cético pirrônico, mas busca desenvolver em sua filosofia um equilíbrio entre ambos os extremos<sup>23</sup>. Em sua obra, é possível perceber o quanto o ser humano, por sua vaidade e orgulho, custa reconhecer que é frágil e não ocupa o centro do mundo. Em meio aos abusos, surgem os conflitos, as guerras e seus massacres por razões

---

<sup>23</sup> Essa visão montaigniana será abordada mais adiante.

fúteis e triviais, pois que o ser humano não é eterno e lhe é negada a capacidade de conhecer a essência das coisas. De acordo com Zimmermann (2019, p. 212-213), o pensamento do filósofo apontará para a noção de tolerância, isto é, um caminho alternativo para evitar as posições antagônicas. Além do mais, conforme Conte (1996), o autor dos *Ensaio* ao criticar a faculdade da razão, instiga a reflexão sobre a confiança que os sujeitos depositam na ciência, na filosofia, nos sentidos e em todas as manifestações oriundas do intelecto.

Enquanto uns enaltecem a ciência, outros voltam-se para a ignorância, pois que a busca pela verdade se torna mais uma confirmação da ignorância natural sofrida pelos seres humanos. Mesmo havendo no homem uma predisposição que o excite a buscar a sabedoria, ela não o impede de também sofrer os efeitos de suas próprias paixões (Cf. CONTE, 1996, p. 15). O conhecimento não é uma condição *sine qua non* para que o indivíduo goze de uma vida feliz e tranquila. Do contrário, os sábios e as pessoas dotadas de maior conhecimento levariam uma vida melhor e com menos infortúnios<sup>24</sup>. Por isso, observa-se que os menos instruídos, por sua ingenuidade, não ficam presos a meditação filosófica sobre os aspectos da vida, apenas vivem sua natureza de modo humilde e natural, sem buscar explicações para as coisas inexplicáveis ou conhecer o que não pode ser conhecido, pois que, segundo Duarte (2011, p. 131), “a busca constante por explicações e pela verdade, ao invés de eliminar, combater ou suavizar os infortúnios, acaba por potencializá-los”.

Enquanto o conhecimento causa agitação na alma humana, a ignorância possibilita um estado de calma. Para ilustrar esse pensamento, Montaigne serve-se de um exemplo simples, mas bastante pertinente, a saber: “[...] estando o filósofo Pirro em um navio, presa de violenta tempestade, aos que maior pavor evidenciavam mostrava ele um porco indiferente ao temporal, e os instava a tomá-lo como exemplo” (MONTAIGNE, 1972, p. 35). Por vezes, o homem deve aceitar que a ignorância pode ser preferível ao conhecimento de acordo com certas circunstâncias<sup>25</sup>.

Para além da faculdade da razão, os sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato – responsáveis por guiar o homem também estão sujeitos ao erro. Logo, agrava-se ainda mais a

---

<sup>24</sup> Na *Apologia*, Montaigne ao discorrer sobre a ignorância, usa como exemplo a vivência diária dos povos nativos das Américas para contrapor seus costumes ao modelo de sociedade desenvolvida pela cultura da Europa. Enquanto estes se preocupavam com o conhecimento e viviam ansiosos, tensos e aflitos, os povos do Novo Mundo, considerados ignorantes, viviam na simplicidade o que lhes garantia um estado de vida mais saudável e sereno. Conforme o filósofo: “Dizem que no Brasil as pessoas só morrem de velhice, o que se atribui à pureza e à calma do ar que respiram, e que, a meu ver, provém antes da serenidade e da tranquilidade de suas almas isentas de paixões, de desgostos, de preocupações que excitam e contrariam. Ignorantes, iletrados, sem lei nem rei, nem religião alguma, sua vida desenvolve-se numa admirável simplicidade” (MONTAIGNE, 1972, p. 232).

<sup>25</sup> A respeito da ignorância no que tange ao saber, consultar também Conte (1996, p. 14-15).

limitação da razão, pois ela depende das informações que os sentidos extraem do mundo. De acordo com o filósofo, “[...] todo conhecimento nos alcança por seu intermédio” (MONTAIGNE, 1972, p. 277) de igual maneira, “o homem não pode impedir que os sentidos sejam os soberanos mestres dos conhecimentos que possui” (MONTAIGNE, 1972, p. 277). Ainda, “é privilégio dos sentidos constituírem o limite máximo de nossa perspicácia; nada, fora deles, nos pode ajudar a descobri-los. Nem um sentido pode revelar outro” (MONTAIGNE, 1972, p. 276). A exemplo, uma pessoa ouve um som que lhe remete a uma criança chorando, porém quando esta verifica mediante a experiência, a visão lhe confirma que na verdade é um gato miando. Dessa maneira, compreende-se que um sentido não pode corrigir outro, neste caso, a audição é incapaz de corrigir a visão, pois correspondem a sentidos distintos. Destarte, pode-se perceber que os sentidos constituem uma prova da ignorância humana. O conhecimento, decorre dos sentidos, servindo-se deles a mente coleta as informações, as processa, julga e se relaciona com o mundo exterior do modo como lhe convém. Eles são a base e origem da ciência, “afinal, seríamos ignorantes como uma pedra, se não conhecêssemos a existência do som, do odor, da luz, do sabor, da medida, do peso, da moleza, da dureza, do amargor, da cor, do tato, da largura, da profundidade” (MONTAIGNE, 1972, p. 276). Para o filósofo, os sentidos marcam o início e o fim dos conhecimentos que o homem pode adquirir.

É sabido que o homem possui impresso na alma um desejo natural que o instiga na busca pelo conhecimento. Este, vai sendo construído e formulado pelo intelecto conforme a interpretação que faz das informações que são colhidas do ambiente através dos sentidos. Contudo, eles pregam peças ao homem e induzem à equívocos<sup>26</sup>, fornecendo meios para uma apropriação intelectual parcial e aproximadas das coisas que compõem a realidade, pois “que os sentidos dominam muitas vezes a razão e nos impõem sensações que ela sabe serem falsas é coisa que se vê comumente” (MONTAIGNE, 1972, p. 278). Os erros e ilusões envolvendo os sentidos são demasiadamente constantes levando os sujeitos a questionar sua credibilidade<sup>27</sup>. Em vista disso, o filósofo conclui que: “percebemos as coisas segundo as

---

<sup>26</sup> Na *Apologia*, ao discorrer sobre a falibilidade dos sentidos, o filósofo assim se expressa: “Quanto ao erro e à incerteza das operações dos sentidos, não faltam exemplos à mão, tão abundantes são essas falhas e ilusões. Em virtude do eco no vale, o som da trombeta parece vir de frente quando na realidade vem de trás. As montanhas que se erguem acima do mar parecem-nos de longe uma só massa, embora em verdade sejam distantes umas das outras. As colinas e campos que margeamos, parecem fugir em direção à popa do navio em que navegamos. Se o cavalo para no meio de um riacho, parece que caminha obliquamente, correnteza acima, como impelido por estranha força. Se manuseio uma bala de arcabuz com os dedos entrelaçados, é preciso violentar-me para admitir que não sejam duas (MONTAIGNE, 1972, p. 278).

<sup>27</sup> Dentre os filósofos da modernidade, René Descartes ao publicar no ano de 1637 a obra *Discurso sobre o método*, na *Primeira Meditação*, descarta os sentidos enquanto meios confiáveis para a construção do conhecimento verdadeiro. Para ele, as informações sensoriais são limitadas às aparências, já que não

nossas condições ou o que elas nos parecem ser. E o que nos parece é tão discutível, incerto, que temos o direito de declarar que vemos a neve branca, mas não o podemos assegurar. Com tão limitada certeza no ponto de partida, toda ciência reduz-se a nada” (MONTAIGNE, 1972, p. 280). A mutabilidade ao qual o homem está sujeito faz com que o mesmo realize experiências distintas de um mesmo objeto segundo a variação do seu estado (Cf. CONTE, 1996, p. 48). Consequentemente, uma vez que o conhecimento é incerto, já que os meios eficientes para originá-lo são limitados e frágeis, o filósofo busca instaurar a dúvida a respeito desta problemática.

A verdade das coisas é desconhecida ao homem, porque conforme Conte (1996), a insuficiência dos sentidos torna insuficiente o seu resultado. Para construir um conhecimento seguro, seria necessário haver um critério capaz de julgar e distinguir as aparências. Entretanto, dada a imperfeição dos sentidos, é necessário que a razão exerça a função de juiz, porém não é possível aceitar uma razão sem que outra lhe demonstre a validade o que desencadeia um círculo vicioso *ad infinitum*. Presumindo que o homem não consegue elaborar um critério de verdade, sua razão fica vulnerável à crescente incerteza das opiniões e à ausência de um parâmetro seguro para o conhecimento verdadeiro. Destarte, Montaigne orienta o ser humano a abster seu juízo, pois que a essência é desconhecida, “nada conhecemos de nosso ser, porque tudo o que participa da natureza humana está sempre nascendo ou morrendo, em condições que só dão de nós uma aparência mal definida e obscura” (MONTAIGNE, 1972, p. 281). Logo, deve-se aceitar que as ideias ficam limitadas às aparências, e estas são oriundas do método empírico ao qual o ser humano possui acesso. Consequentemente, a verdade não pode ser verificada, “[...] assim como quem nunca viu Sócrates, não poderá dizer se o seu retrato se lhe assemelha” (CONTE, 1996, p. 50). Tudo o que existe na natureza está sujeito a transformações e fornece de si meras aparências. Por isso, “[...] a razão nada pode apreender na sua busca do que realmente subsiste, pois tudo, ou nasce para a existência e não está inteiramente formado, ou começa a morrer antes de nascer” (MONTAIGNE, 1972, p. 282).

A faculdade racional e tampouco os sentidos podem fornecer uma verdade segura a respeito da realidade. O homem deve reconhecer que seus recursos são limitados e inadequados para atingir a essência das coisas. Embora ele mesmo enalteça a razão, nos *Ensaio*s fica evidente que ela é maleável e perde seu prestígio uma vez que se acomoda tanto

---

conseguem contemplar a essência. Não obstante, as impressões possuem a capacidade de modificar o estado da alma, induzir o sujeito ao erro e compelir o seu juízo sobre as coisas do mundo. Nesta obra, Descartes discorre sobre a dúvida metódica, evidencia a autoridade da razão na busca pela verdade, e apresenta uma formulação da ciência.

à verdade quanto à mentira dificultando um justo discernimento sobre as coisas<sup>28</sup> (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 265). Assim, devido a este estado natural de insuficiência, resta aos sujeitos aceitar sua condição e conviver com as aparências, já que a verdade não pode ser alcançada pelo seu mero esforço. Na *Apologia*, o próprio autor faz uma síntese de suas ideias e afirma:

Em suma, nós mesmos e os objetos não temos existência constante. Nós, nosso julgamento, e todas as coisas mortais, seguimos uma corrente que nos leva sem cessar de volta ao ponto inicial. De sorte que nada de certo se pode estabelecer entre nós mesmos e o que se situa fora de nós, estando tanto o juiz como o julgado em perpétua transformação e movimento (MONTAIGNE, 1972, p. 281).

Estando o homem sujeito de maneira passiva aos efeitos do espaço/tempo, assim como todas as coisas que existem, encontrando-se entre o nascer e o morrer, transpor a realidade lhe seria possível somente com o auxílio de uma força ou divindade sobrenatural (Cf. CONTE, 1996, p. 55). Conseqüentemente, a dúvida é instaurada pelo filósofo, uma vez que o conhecimento verdadeiro não é acessível aos seres racionais e o que lhe resta são as meras aparências e ilusões da vida que segue uma constante transformação. A razão, que outrora ocupava o centro no que tange o saber, é destronada na medida em que o filósofo aponta suas fraquezas no intuito de deixar explícito, tanto a complexidade do caminho a ser percorrido pelos que buscam a sabedoria, quanto à necessidade de autoavaliar os juízos elaborados pelas convenções sociais, pois que a indiferença, vaidade, orgulho, ego, dentre outros abrem margem para os conflitos violentos como os que assolavam a Europa no contexto em que Montaigne viveu.

## 2.5 OS ANIMAIS E SEUS ATRIBUTOS

O homem diz ser superior a tudo o que existe na criação. Coloca-se no centro do universo e subjuga tudo o que há por meio de critérios elaborados com base em sua faculdade racional. Não obstante, cada cultura, cada povo que habita a terra considera seus costumes, sua maneira de pensar, viver e interpretar a natureza como sendo a mais verdadeira.

---

<sup>28</sup> De acordo com Arlindo Nascimento Rocha (2017), o filósofo Blaise Pascal (1623-1662), em sua obra intitulada *Pensamentos*, aproxima-se do pensamento fideísta de Montaigne, uma vez que também aponta os limites da faculdade racional bem como a incerteza do conhecimento racional, pois que estes podem ser superados somente com o auxílio da fé, uma vez que apenas um ser divino pode transpor a realidade sensível e contemplar a verdade em si mesma. Em vista disso, ele desenvolve o tema da contradição da natureza humana e tece suas críticas aos que buscam legitimar a verdade apenas com a ajuda da razão. Logo, para aprofundar tal investigação sugere-se a leitura, a saber: PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Introdução e notas de Ch. – M. de Granges. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 276 p. (Coleção os Pensadores).

Conseqüentemente, a dificuldade de diálogo com o outro, as paixões, os vícios fazem com que o ego de cada sujeito infle a ponto de o mesmo causar inúmeras atrocidades e covardias ao longo da história. Em vista disso, Montaigne em seus *Ensaio*s torna clara a limitação e a fragilidade deste ser que ilusoriamente se coloca no lugar de Deus. Ao desenvolver o seu pensamento filosófico, o autor faz uma leitura do seu contexto e enquanto busca propor um caminho de temperança, aponta inúmeras críticas. Dentre elas, o dogmatismo, e o enaltecimento absurdo da faculdade racional, uma vez que ela é débil e não pode atribuir uma explicação a tudo, pois a verdade em si foge de sua capacidade. Não obstante, na *Apologia* o filósofo ao discorrer sobre os animais, mostra o quanto eles se assemelham ao ser humano, conforme será expresso a seguir.

De acordo com Zimmermann (2019, p. 195-196), quando Montaigne discorre sobre os sentimentos e a razão do animais não-humanos na *Apologia*, o princípio de que eles são capazes de refletir e também sentir torna-se provável na medida em que gozam de atributos que muito se assemelham aos dos homens, como: amar, ficar triste ou feliz, se comunicar, odiar, defender ou afrontar outrem, etc. Ao fazer uma comparação do ser humano e as demais criaturas, o filósofo explica que a inteligência não é o critério para o homem se elevar acima de outras criaturas, uma vez que dela também resultam as representações, males e tormentos<sup>29</sup>.

É preciso limitar o homem e colocá-lo entre as barreiras dessa ordem universal. [...] ainda que a tivesse [faculdade da razão] que sozinho entre os outros animais [o homem] tivesse a liberdade de imaginação ou a desordem de pensamento, que lhe permitam representar-se a um tempo o que é e o que não é, seria uma vantagem muito cara de que não deveria envaidecer-se, pois é a fonte principal dos males que o acabrunham: o pecado, a doença, a indecisão, a inquietação, o desespero (MONTAIGNE, 1972, p. 218).

Na visão do autor, tudo o que existe neste mundo está sujeito à mesma lei natural que governa com justiça e ordena os seres com perfeição. Embora as criaturas possam ser distintas, com ordens e graus diferentes, de maneira geral, a essência é a mesma, “[...] cada coisa tem sua organização própria, e todos conservam as diferenças estabelecidas pela natureza” (MONTAIGNE, 1972, p. 218). Ademais, a razão recebe uma conotação um tanto quanto negativa na medida em que é apresentada como a “fonte” dos males humanos. Assim, o filósofo provoca o homem a refletir se ela seria mesmo um grande bem do qual o conhecimento deriva ou, por outro lado, não passaria de um fardo que deve ser suportado pela humanidade. Entretanto, isso não significa que o homem é inferior às demais criaturas. Para o

---

<sup>29</sup> Conferir também Duarte (2011, p. 129-130).

filósofo, ele não está nem acima tampouco abaixo, antes “tudo o que existe sob os céus está sujeito à mesma lei e às mesmas condições “tudo se prende ao destino”” (MONTAIGNE, 1972, p. 217). Conseqüentemente, a dúvida ganha uma enorme relevância, uma vez que a razão não garante ao homem o conhecimento da verdade, ele não pode mais crer cegamente nela, o saber, a ciência, a filosofia enquanto dependentes da razão, estão imersas na dúvida, pois a essência das coisas não pode ser conhecida (Cf. DUARTE, 2011, p. 130).

Para Montaigne, não é a razão que faz do homem um ser melhor que os animais, antes ele se diferencia através de uma soberba doentia e obstinada que insiste em alimentar por ser vaidoso (Cf. EVA, 1992, p. 108). Além do mais, o filósofo crê que os animais desfrutam dos mesmos atributos considerados pelos homens como exclusivos de sua espécie. Como por exemplo, a capacidade de desenvolver uma comunicação linguística: enquanto o ser humano elabora jogos de linguagem com as palavras, por outro lado os animais comunicam-se entre si e, em alguns casos, também com as pessoas. De acordo com Conte (1996), o fato de o homem nada captar e tampouco compreender a respeito da comunicação que ocorre entre os animais, talvez seja apenas uma limitação sua que deve ser superada. Ora, a faculdade racional bem como os sentimentos, não parecem estar limitados à capacidade natural humana, pois que eles parecem habitar também nos animais (Cf. CONTE, 1996, p. 14). Assim, o filósofo apresenta exemplos onde os animais realizam um cálculo mental antes de agir, como é o caso da raposa que guiava as pessoas que moravam na Trácia<sup>30</sup> ou ainda a organização social invejável das abelhas. Em vista disso, entende-se que a razão não é exclusiva ao ser humano, mas compartilhada com os animais, pois ambos embora com peculiaridades distintas, gozam de muitas características semelhantes.

### 2.5.1 Das discrepâncias entre homens e animais

Montaigne compreende que o ser humano, ao habitar a natureza, ocupa uma posição igualitária com relação aos animais e as demais criaturas, pois todos compõem um único

---

<sup>30</sup> Na *Apologia*, o filósofo serve-se da exemplificação, a saber: “os habitantes da Trácia, quando têm que atravessar um rio gelado, servem-se de uma raposa que caminha à sua frente. Vê-se o animal aproximar o ouvido do gelo, até tocá-lo para verificar se a água corre perto ou longe. E verificada a espessura do gelo, avança ou recua. Não somos levados a pensar que em seu cérebro se observa um processo racional semelhante ao que se processaria no nosso? “O que faz barulho mexe; o que mexe não é gelo; o que não é gelo é líquido; e o que é líquido afunda sob o peso de um fardo.” Atribuir o ato da raposa à acuidade de seu ouvido, sem reflexão de sua parte, é uma quimera que nosso espírito não pode aceitar. Igual opinião devem merecer todas as invenções e astúcias a que recorrem os bichos para se verem livres de nossa perseguição” (MONTAIGNE, 1972, p. 218). O autor quer explicar que os animais podem realizar cálculos mentais servindo-se da atividade de pensar antes de tomar uma atitude.

ambiente, isto é, estão coexistindo no mesmo mundo simultaneamente (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 217). Não obstante, deve-se crer na existência de leis naturais que ordenam a vida no mundo. Se o homem as perdeu ou deixou-as de lado, deve-se ao uso da razão, já que por meio dela as pessoas podem dirigir, dominar, manipular as coisas e também confundir-se com elas na medida em que operam segundo sua vaidade e inconstância (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 272-273). Conforme Eva (2012), as criaturas muito mais se assemelham do que distinguem entre si, pois as diferenças dizem respeito apenas ao grau de racionalidade e experiência moral que cada uma possui<sup>31</sup>. Seja qual for, “[...] o parentesco entre homens e animais é maior do que tendemos a admitir em virtude do modo injustificado com que valorizamos nossa própria racionalidade” (EVA, 2012, p. 407). Mesmo que o homem, impondo resistência ao pressuposto de que é semelhante aos animais que busca controlar segundo a sua vontade, negue sua semelhança, os *Ensaio*s elaborados pelo filósofo denunciam justamente tal posição egoísta para apontar justamente as fragilidades e simultaneamente pôr em evidência os aspectos em comum.

Quando pensa conhecer alguma coisa, é então que o ser humano a tudo desconhece. Aliás, que é o homem – senão um nada – ao ser comparado com a grandeza do universo? (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 213). Esta criatura mesquinha é composta de uma alma que anima e rege um corpo suscetível aos efeitos do espaço/tempo. Na concepção do filósofo, “[...] de todas as criaturas, a mais frágil e miserável é o homem [...] e ei-lo que pela imaginação alça acima da órbita da lua e supõe o céu a seus pés!” (MONTAIGNE, 1972, p. 214). Não obstante, a presunção é tão latente que os sujeitos buscam julgar as demais criaturas, mesmo não sendo possível estabelecer um diálogo e penetrar os seus pensamentos. Esta é uma das primeiras falhas apontadas pelo filósofo – a comunicação – ambos não interagem por meio da mesma linguagem. Em vista disso, os juízos emitidos pelos sujeitos sobre as espécies não constituem uma verdade total, pois que a dúvida paira sobre eles. Ao longo da *Apologia*, o filósofo discorre inúmeros exemplos para reforçar seu pensamento sobre a semelhança que existe entre homens e animais. Assim, “conhecemos alguma coisa de seus sentimentos, pouco mais ou menos o que conhecem dos nossos, pois nos fazem festa, nos ameaçam ou nos pedem o que querem, quase da mesma maneira por que nos conduzimos a eles” (MONTAIGNE, 1972, p. 215). De maneira semelhante eles reagem aos estímulos do ambiente emitindo sons distintos que correspondem às sensações despertadas pelo ambiente. A exemplo, “pelo latido

---

<sup>31</sup> Consultar nos *Ensaio*s de Montaigne (1997, p. 217-218).

do cão, sabe o cavalo de sua cólera, não o receia quando outra é a modulação de sua voz” (MONTAIGNE, 1972, p. 215).

Assim como o ser humano serve-se da linguagem corporal para expressar sua vontade, sentimentos, desejos, em outras palavras – seu querer – de modo semelhante os animais compreendem-se entre si munidos de movimentos com significados específicos (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 215). Enquanto as abelhas distribuem suas funções e dividem os encargos entre elas de modo ordenado, onde todas respeitam a divisão de castas e trabalham de modo cooperativo, não realizam também as andorinhas um cálculo para discernir qual o melhor espaço para construir o seu ninho e salvar seus filhotes das intemperes climáticas? Ainda, por que os aracnídeos tecem suas teias ora de uma maneira, ora de outra segundo as condições do ambiente, se antes não pensaram a respeito? Percebe-se que a natureza dotou cada criatura com as mais distintas ferramentas, de acordo com a sua real necessidade, para que possam saciar suas necessidades, preservar sua existência e perpetuar a espécie. Conforme expresso pelo filósofo na *Apologia*:

Dizem as queixas que o homem é o único animal abandonado nu sobre a terra nua. Chega amarrado, arrojado, e para se armar e se defender precisa recorrer aos despojos de outrem. A natureza revestiu todas as criaturas de carapaças, cascas, pelos, lã, espinhos, couro escamas, seda, segundo suas necessidades; armou-as de garras, dentes, chifres para o ataque e a defesa, ensinando-lhes ainda nadar, correr, voar, cantar, ao passo que o homem não pode, sem aprendizado, andar, falar, comer. Apenas sabe chorar. “Como o marinheiro lançado à praia pelas ondas furiosas, jaz a criança na terra, nua, sem palavra, privada de quaisquer socorros para a vida, desde o momento em que a natureza a arranca do ventre materno a fim de a expor à luz. Enche então o ar de gemidos, e com razão, tantos são os males que aqui a esperam. Ao contrário, os animais domésticos e os bichos ferozes crescem sem cuidados; não precisam nem de chocalho nem de carícias, nem da linguagem infantil de uma ama; a diferença de temperatura não os obriga a trocar de roupas; não necessitam enfim de armas, nem de torreões para sua segurança, porquanto a natureza amplamente os provê de tudo” (MONTAIGNE, 1972, p. 216).

Cada ser que existe no mundo goza naturalmente dos meios necessários para garantir a sua sobrevivência. Na passagem acima, Montaigne recorre ao nascimento dos seres humanos para apontar as suas fragilidades desde à origem o que, por sua vez, difere dos animais, já que os mesmos nascem com uma resistência muito maior ao ambiente, pois que o mundo é hostil e imparcial. Enquanto os animais são resilientes e com facilidade interagem com o contexto onde habitam, o homem nasce indefeso e totalmente dependente dos cuidados de outrem para não perecer (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 216). No que tange os sentimentos, ambos, homens e animais os possuem. Se o homem chora, de igual maneira reagem algumas espécies no momento em que são acometidas por algum tipo de mal. A respeito da alimentação, esta é uma condição natural em ambos, tanto é que as pessoas realizam orçamentos para prever seus

gastos e estocar os excessos com a finalidade de usá-los em outras ocasiões. O mesmo ocorre com os animais, pois as formigas guardam o alimento para consumi-lo nas estações escassas do ano (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 217).

Diferente dos animais, os desejos e apetites humanos parecem ser insaciáveis, pois aumentam para além da possibilidade de serem satisfeitos. Inclusive, compõe o instinto dos indivíduos a capacidade que lhe permite criar meios artificiais para se proteger, aumentar sua força, melhorar sua condição, competir e submeter as demais criaturas (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 217). Quanto à linguagem, ela é essencial, pois torna possível aos sujeitos expressar suas alegrias, afetos, pedir ajuda, trocar experiências, manifestar suas insatisfações, interagir com os animais etc. Embora ela seja suscetível a alterações entre regiões, é preciso ressaltar que este fenômeno ocorre também com os animais, pois algumas aves modificam seu cantar adaptando-o ao ambiente que estão, como é o caso da perdiz. Ainda, algumas espécies alteram sua tonalidade de cantarolar de acordo com as estações climáticas do ano. (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 217).

Conforme o pensamento de Montaigne, o ser humano assemelha-se aos animais em muitos aspectos, “[...] o que nos leva a concluir que raciocínios e meios idênticos aos que acompanham nossos atos acompanham os atos dos animais, os quais têm, ocasionalmente, faculdades superiores às nossas” (MONTAIGNE, 1972, p. 218). Por isso, o homem é um ser que está não acima, tampouco abaixo, mas entre as criaturas segundo o disposto pela escala natural que a tudo ordena e rege. Cada ser com suas características compõem a unidade da natureza. Enquanto as criaturas agem de acordo com a natureza, as pessoas servindo-se de sua vontade, podem cair em imperfeições e erros. Logo, o melhor seria ordenar a vida segundo a lei natural, porém a presunção toma conta dos indivíduos e estes, confiam apenas em suas próprias forças (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 218).

Ainda, na *Apologia* o filósofo aborda alguns atributos humanos para apresentar semelhanças e diferenças com relação aos animais. Assim, sobre a benevolência, percebe-se que os animais são mais generosos, pois diferente destes, nunca se observou um elefante escravo de outro elefante, nem um camelo de outro camelo. Da mesma maneira que o homem caça os animais, lobos, ursos, leões, dentre outros, podem fazer dele sua presa. Quanto à força, sem dúvida alguma, o homem é o mais frágil, pois pode ser vítima de animais de grande porte como baleias, tubarões, leões, etc... como também pode-se inferir que o homem também pode ser alvo de seres microscópicos, pestes, vermes, doenças e outros parasitas capazes de lhe ceifar a vida. Em vista disso, o filósofo aponta uma crítica, pois “[...] alegar, para mesquinhá-los, que obedecem simplesmente à natureza, sua orientadora, realmente não

significa que careçam de saber e discernimento, significa, isso sim, que possuem essas qualidades em mais alto grau do que nós” (MONTAIGNE, 1972, p. 219).

Não obstante, segundo o autor, no que tange a capacidade de raciocinar, os animais também o fazem perfeitamente, pois do contrário como poderiam aprender coreografias, danças e outras peripécias que lhes são ensinadas?<sup>32</sup> Se aprendem, isso ocorre mediante um processo de raciocínio, assim como se dá com as pessoas. Desse modo, Montaigne compreende que a espécie humana e os animais muito mais se assemelham do que divergem<sup>33</sup>. Em vista disso, fica claro que, nas palavras do filósofo, “[...] condenamos tudo o que nos parece estranho e também o que não compreendemos. E por esse prisma julgamos os animais” (MONTAIGNE, 1972, p. 221). O homem rejeita as coisas que o desafiam a sair da zona de conforto, pois que é mais fácil e cômodo negar determinada situação ou teoria, impondo, se necessário, a violência como o fizeram os europeus com relação aos povos do novo mundo, do que colocar-se aberto ao diálogo<sup>34</sup>, enfrentar o novo, pondo as verdades à prova.

Do ponto de vista biológico, assim como ocorre com os seres humanos, – nascer, crescer, se alimentar, mover, reproduzir, viver e morrer – também estão sujeitos os animais. Se o homem exercita a amizade, esta também é praticada pelos animais<sup>35</sup>. Igualmente se dá com as afeições, já que segundo o filósofo, “[...] os animais têm como nós preferências em amor e sabem escolher a fêmea. Não são isentos de ciúme, o qual os pode levar a atos de violência” (MONTAIGNE, 1997, p. 223). Assim como os homens, tomados por suas paixões e desejos, incorrem em desregramentos, o mesmo se dá com os animais. Da mesma maneira que algumas pessoas amam os animais, estes retribuem tal sentimento para com seus donos. De acordo com Montaigne, ações semelhantes entre ambas as espécies ocorrem também no

---

<sup>32</sup> Para ilustrar a capacidade que os animais têm de aprender, dentre os exemplos propostos pelo filósofo na *Apologia*, destaca-se um a saber: “E o que fazem os cães que servem de guia aos cegos, nos campos como nas cidades? Vêde como se detêm diante de determinadas casas, como evitam os veículos ao passarem por certos lugares, onde, aparentemente, teriam tempo para atravessar. Vi um cão que, ao longo de um fosso, abandonou o caminho cômodo para tomar por uma trilha difícil a fim de afastar o seu dono do perigo a que se arriscava. Como se ensinou a esse animal que lhe cumpria preocupar-se exclusivamente com a segurança do dono, sem levar em conta a própria comodidade? Como podia saber que o caminho, bastante largo para ele, não o era para o cego? Explicar-se-á isso sem a interferência do raciocínio?” (MONTAIGNE, 1972, p. 219-220). Para o autor, tais circunstâncias ocorridas se dão mediante um movimento intelectual. Logo, os animais também se servem de uma faculdade que lhes auxilia o discernimento das coisas, mesmo que seja distinto das capacidades humanas por estas serem mais desenvolvidas.

<sup>33</sup> A respeito da semelhança entre os seres, o filósofo afirma: “[...] se relatasse tudo o que sei facilmente provaria a minha tese, a de que há maior diferença entre um homem e outro do que entre um dado animal e o homem” (MONTAIGNE, 1972, p. 221).

<sup>34</sup> Esse tema será desenvolvido mais adiante nesta pesquisa.

<sup>35</sup> Um exemplo a respeito da amizade é apresentado na *Apologia*, pois que “Hircano, o cão do Rei Lisímaco, não quis abandonar o leito de seu dono quando este morreu, nem comer nem beber, e no dia em que o cremaram atirou-se à fogueira” (MONTAIGNE, 1972, p. 223).

que concerne à fidelidade, gratidão, lealdade conjugal, morte, dentre outras afeições e apetites que equivocadamente os homens julgam serem exclusivamente seus<sup>36</sup>.

Montaigne reconhece e na *Apologia* apresenta o homem não à imagem de um super-herói, como os que compõem as histórias fictícias de *hollywood*, antes uma criatura limitada, imperfeita dentre as que existem no mundo. Tal posicionamento ganha estímulo na medida em que as impressões a respeito da faculdade racional vão sendo desconstruídas pelo filósofo em seus *Ensaios* até o ponto de tal faculdade ser reduzida a uma simples forma de comportamento animal, segundo Conte (1996, p. 13), uma vez que eles também gozam desta faculdade como fica claro nos diversos exemplos que compõem à *Apologia*. Em vista disso, o filósofo afirma:

Não são pois a razão, a reflexão ou a alma que nos tornam superiores aos animais; são nossa beleza, nossa linda tez, a harmônica disposição de nossos membros, ao lado do que nossa inteligência, nossa prudência e o resto são de pouca valia. [...] A meu ver, em suma, tudo o que não se nos assemelha nada vale. [...] Disso se conclui que não é em virtude de um raciocínio judicioso, mas unicamente por orgulho e obstinação que nos sobrepomos aos animais e nos afastamos de sua companhia. [...] Somos vítimas da inconstância, da irresolução, da incerteza, do luto, da superstição, da preocupação com o futuro, inclusive o de depois da morte, da ambição, da avareza, do ciúme da inveja, dos apetites desregrados e insopitáveis, da guerra, da mentira, da deslealdade, da intriga, da curiosidade (MONTAIGNE, 1972, p. 229).

De acordo com o autor, o homem anseia pelas coisas eternas, inteligíveis, busca bens futuros e sobrenaturais, cuja a posse não pode ser assegurada e julga erroneamente possuir a verdade obtida por meio da razão, o conhecimento científico e as honras. Às demais criaturas, deixa os bens naturais como a paz, inocência, saúde, o repouso, etc. Para Montaigne, os valores mais importantes são os que derivam da natureza. Ora, o homem ao servir-se de suas faculdades limitadas, torna-se vítima das intempéries do mundo, ilude-se com os apetites, as paixões, os vícios e demais características e circunstâncias que possam instigar sua alma. Nos *Ensaios* é possível perceber que o caminho proposto para superar os obstáculos é o equilíbrio e a moderação que compõem o ceticismo moderado (tema a ser discutido no capítulo a seguir) além de uma vida pautada na simplicidade, já que a razão humana é falha e não explica a verdade em si das coisas. Ademais, embora tenha sido concedida a todos, beneficia a poucos e é causa de problema em muitos (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 229).

---

<sup>36</sup> Para verificar as exemplificações que correspondem aos atributos mencionados consultar na *Apologia*, (MONTAIGNE, 1972, p. 224-228)

### 3. CETICISMO DE MONTAIGNE: UM MEIO EQUITATIVO PARA A EPISTEME

#### 3.1 RAYMOND SEBOND

Aquele que faz uma leitura atenta dos *Ensaio*s de Montaigne facilmente toma consciência da falibilidade humana, inúmeras vezes desnudada por meio das dúvidas céticas que foram sendo levantadas ao longo da obra, de maneira enfática na *Apologia* (Cf. MACIEL, 2011, p. 57), uma vez que o pensamento filosófico do autor aponta para uma doutrina fideísta. Entende-se que o autor é levado a desenvolver tal pensamento devido ao contexto instável da política, religião, economia, cultura, bem como de toda a estrutura intelectual da sociedade europeia. Assim, o ceticismo surge como uma opção para neutralizar as extremidades adotadas, sejam elas frutos do cientificismo sustentado pelos ateus ou dogmáticas defendidas pelos crentes.

Conforme argumenta Duarte (2011), Montaigne não busca com a *Apologia*, bem como o restante de sua obra, questionar ou duvidar da existência de um ser supremo que rege e governa tudo o que existe, isto é, Deus, tampouco questionar as normas que regem o cristianismo, antes destitui a razão de sua posição suprema e destaca a distância que há entre as coisas divinas em relação ao ser humano. Logo, ao pressupor que a humanidade não possui a capacidade de contemplar as verdades da fé, conseqüentemente as discussões como as que se deram entre católicos e protestantes se dão com fundamentações em meras aparências o que inviabiliza a persistência em se intensificar os conflitos, já que são em vão se a verdade não pode ser contemplada em si mesma.

Não obstante, na *Apologia* Montaigne enfatiza duas objeções, a saber: “[...] os cristãos se enganam em querer sustentar com argumentos puramente humanos uma crença que só se concebe pela fé e por intervenção particular da graça divina” (MONTAIGNE, 1972, p. 209). Já a segunda, atinge os argumentos de Sebond, pois “há quem ache seus argumentos fracos, insuficientes para provar o que desejam provar e facilmente refutáveis” (MONTAIGNE, 1972, p. 213)<sup>37</sup>. Compreende-se que o filósofo quer defender Sebond das críticas, porém seu

---

<sup>37</sup> A primeira objeção recusa as funções da faculdade racional tendo em vista a busca pela justificação racional das crenças. Por outro lado, a segunda objeção embora consente com o ofício da razão, limita-se a mostrar que os argumentos de Sebond não são suficientes para atribuir verossimilhança às doutrinas adotadas e defendidas pelos católicos. Em vista disso, se na primeira o autor defende o papel da razão, na segunda eleva ao extremo as fragilidades desta faculdade derrubando-a por terra. Para um aprofundamento, recomenda-se a leitura de: José R. Maia Neto (2012). Ainda, a respeito dos objetores, seus equívocos consistem em crer que a refutação das ideias de Sebond representam a vitória de um posicionamento contrário à crença. Eles caem no erro na medida em que a razão é enaltecida ao ponto de se pensar que os problemas religiosos podem ser explicados unicamente pela via racional (Cf. EVA, 1992, p. 113).

método empregado para tal finalidade parece ambíguo, pois Sebond assim como os ateístas veem os métodos científicos de maneira eficiente. De acordo com Conte (1996, p. 19), ao propor o ceticismo, o filósofo acaba por “[...] destruir a confiança que podemos ter na ciência, na filosofia, nos sentidos, e em todas as manifestações do intelecto humano” e, conseqüentemente, instaurar a dúvida, pois que na visão de Eva (1992), o filósofo enfatiza a grandeza do mundo e a pequenez de todos os seres que o povoam, inclusive o homem, já que ele também é limitado e não possui uma resposta para todos os paradigmas que o perturbam, mesmo que as busque a todo custo.

### 3.2 FÉ E CRENÇA RELIGIOSA

Sem dúvidas, as crenças acompanham a vida humana desde à pré-história, pois que a história afirma que os neandertais já efetuavam rituais, cultos e sepultavam seus entes queridos. Assim, enquanto atribuía-se um sentido para a morte, na mesma medida crescia uma preocupação com o que se passa depois dela. Enquanto alguns historiadores creem que ela tenha sido originada por seleção natural, há os que sustentam ser ela o fruto de habilidades e cálculos cognitivos, graças à capacidade de abstração somando-se à existência de uma teoria da mente. Independentemente de quando tenha sido instaurada na vida humana, o fato é que ela faz parte do dia-a-dia, compõe intrinsecamente o íntimo de cada indivíduo até o momento que este deixa de existir. Seria a fé e a crença distintas ou iguais? Uma diferença é estabelecida por Montaigne na *Apologia*:

Se estivéssemos unidos a Deus por uma fé ardente, se a Ele nos prendéssemos por Ele próprio e não por nós [...] Se acreditássemos n’Ele – não chego a dizer se tivéssemos fé –, se tão-somente acreditássemos n’Ele, e com vergonha o digo, se O tivéssemos em nós como um amigo [...] Ao menos ocuparia Ele o mesmo lugar que ocupam as riquezas, os prazeres, a glória, os companheiros (MONTAIGNE, 1972, p. 210-211).

Enquanto a crença modela a conduta do dia-a-dia das pessoas, é constituída pelas convicções não fundadas pela razão e resulta do domínio da experiência; a fé, por sua vez, é apresentada como inspirada por Deus, possui sua origem no ser divino e se dá como uma infusão oriunda do alto. Para Montaigne, a fé não pode ser abalada, sua origem é sobrenatural e as ações virtuosas provém dos seus efeitos.

No que tange as religiões, ao longo da obra Montaigne apresenta em sua *Apologia* algumas exemplificações, a saber: os cartagineses imolavam seus próprios filhos à Saturno; Amétris mandou sepultar vivos catorze jovens das principais famílias persas a fim de

homenagear um deus subterrâneo, conforme o costume; [...] os lacedemônios que, para serem agradáveis a Diana, martirizavam os jovens, açoitando-os em honra da deusa, por vezes até a morte. Situações envolvendo práticas semelhantes se davam também no Novo Mundo, como os ídolos de Tenochitlán que construía cimentando com sangue de crianças para venerar seus deuses. Conforme afirma Lucrécio “Quantos crimes cometeu a superstição”! (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 246). Ao apresentar tais exemplificações, percebe-se que o filósofo não é indiferente à dor, à violência, ao sofrimento, pois sua obra denuncia tais atrocidades cometidas e aceitas pela sociedade – em nome da fé – como algo dentro da normalidade<sup>38</sup>. Mesmo para uma pessoa cética, Montaigne reprova tais comportamentos adotados pelas antigas civilizações e justificados através de meras superstições infundadas do ponto de vista científico (Cf. ZIMMERMANN, 2019, p. 195). A adesão à crença ocorre de maneira coletiva e prática, as pessoas a aceitam sem questionar e ou investigar os elementos que compilam sua sustentação, simplesmente aceitam e se submetem a ela, de maneira simplória (Cf. MACIEL, 2011, p. 59; EVA, 2012, p. 413).

A religião está mesclada à vida de todo ser racional. Contudo, ultrapassa os seus limites, pois que para o filósofo, nenhum argumento racional desvela absolutamente todos os seus mistérios fazendo-os conhecidos. Logo, ela deve estar fundamentada em uma fé capaz de reconhecer as limitações do homem bem como a grandeza que compõe a divindade, uma vez que “[...] é somente a fé que nos revela os inefáveis mistérios de nossa religião e nos confirma a sua verdade. [...] se nossa fé assentasse em fundamento divino, as tentações humanas não teriam o poder de nos abalar como têm” (MONTAIGNE, 1972, p. 209-210). O autor compreende ainda que o ser divino é desconhecido para o homem, pois este é fraco e limitado. Para ele, Deus está para além da realidade sensível e não pode ser acessado pelo conhecimento que dispõe a espécie humana. Logo, compreende-se que o raciocínio é incapaz de julgar a fé, pois esta desfruta de uma esfera própria da existência.

O mundo e tudo o que nele encerra tende à perfeição e segue uma ordem justa e eterna onde todas as coisas vão se aperfeiçoando. Ainda, acredita-se que o seu Criador tenha deixado suas marcas de artesão, disso decorre estar as criaturas impregnadas dos sinais da divindade, pois as obras invisíveis se manifestam por meio das visíveis. A respeito disso, o filósofo afirma na *Apologia*: “não é crível, portanto, que esse conjunto que constitui o mundo, que essa admirável máquina não revele vestígios denunciadores da presença do grande arquiteto

---

<sup>38</sup> De acordo com Montaigne em *Da moderação*, quando os prazeres e as virtudes são praticados de maneira desmedida, estes tornam-se vícios e são prejudiciais ao homem. Assim, o autor ao discorrer sobre as crenças apresenta outros exemplos aonde as pessoas se oferecem voluntariamente para serem imoladas cruelmente. Consultar Montaigne (1972, p. 103).

que a construiu” (MONTAIGNE, 1972, p. 212). Entretanto, segundo Maciel (2011), o homem munido apenas dos meios naturais deseja em vão conhecer a natureza transcendente de Deus. Conseqüentemente, “em nossa presunção, queremos submeter a divindade à nossa apreciação. Daí os devaneios, os erros espalhados pelo mundo, o qual coloca e pesa em sua balança coisas a serem pesadas com pesos de que não dispõe” (MONTAIGNE, 1972, p. 249).

O homem que por si mesmo busca contemplar a verdade esforça-se em vão. Para contempla-la verdadeiramente o ser humano deve necessariamente abandonar as opiniões incertas e que obtém mediante o esforço da razão e recorrer ao auxílio da graça, pois apenas o Criador é, segundo uma realidade eterna e absoluta, uma vez que “Nada O precedeu, nada Lhe seguirá, e nada é mais novo e recente; [...] Nada a não ser Ele existe verdadeiramente, de que se possa dizer ‘foi e será’, porquanto Ele não teve começo e não terá fim” (MONTAIGNE, 1972, p. 282). O homem não pode elevar-se acima de sua condição. Porém, seu contato com as coisas transcendentais se dá na medida em que ele aceita a fé juntamente com a verdade proposta por ela enquanto dom sobrenatural (Cf. MACIEL, 2011, p. 55-56)<sup>39</sup>. De acordo com Duarte (2011), apenas mediante a Revelação pode dar a conhecer às criaturas a verdadeira essência das coisas. Ainda, na *Apologia* o filósofo afirma que o Criador não pode ser conhecido, não pode ser exprimido, submetido a uma definição ou regra, antes Ele é “[...] uma força que não podemos compreender, dando origem a todas as coisas e as conservando, essencialmente boa, absolutamente perfeita, recebendo e aceitando graciosamente as homenagens que fazem os homens” (MONTAIGNE, 1972, p. 242).

Quanto à aquelas pessoas que afirmam possuir uma ligação íntima com a divindade e por isso julgam a si mesmas melhores que os outros, a estas o filósofo critica<sup>40</sup> ao argumentar que, na verdade, conforme Birchall (2005), estão confundindo fé e crença, pois esta última se limita à esfera das coisas sensíveis, limitadas e falíveis. De acordo com Montaigne, discutir o que ocorre com a alma após a morte, se existe o purgatório ou o inferno bem como o céu, são problemáticas que ultrapassam as capacidades biológicas do ser humano. Assim, cai em

<sup>39</sup> Eva (2012, p. 407-408), também explica o pensamento de Montaigne ao sustentar que o acesso humano à verdade depende da fé, pois apenas ela pode alçar o homem milagrosamente para além de sua condição natural. Igualmente Telma de Souza Birchall (2005, p. 46), partindo do pressuposto de que Deus é transcendente e possui a verdade, conseqüentemente esta não pode pertencer à esfera da razão, antes do que é efêmero.

<sup>40</sup> Na *Apologia*, Montaigne serve-se de alguns exemplos, para criticar a vaidade destas pessoas que se dizem conhecer a divindade e gozarem de uma ligação direta com ela, a saber: “Quando iniciavam o filósofo Antístenes nos mistérios de Orfeu, disse-lhe o sacerdote que os que praticavam essa religião receberiam, ao morrer, as mais admiráveis recompensas. “Por que então não morres?”, observou o filósofo, Diógenes, mais grosseiramente ainda, como de hábito, respondeu ao sacerdote que lhe recomendava que abraçasse sua religião a fim de alcançar a felicidade eterna: “Queres que acredite que grandes homens como Agésilau e Epaminondas serão miseráveis enquanto tu, que és um burro e nada fazes, serás um bem aventurado somente por que és sacerdote?”” (MONTAIGNE, 1972, p. 211).

equivoco buscar uma explicação racional para aquilo que é sobrenatural, uma vez que a razão é limitada para explicar as coisas visíveis e naturais (Cf. DUARTE, 2011). Não obstante, se as pessoas falam a respeito da religião, seus argumentos são construídos graças a linguagem que possuem e as experiências sensíveis que fazem. Logo, apenas a revelação pode conduzir acertadamente às verdades da fé.

Para Montaigne, as crenças são estabelecidas pelo homem segundo seus próprios critérios. “Atentai para os acontecimentos e vereis como acomodamos a religião, tal qual uma cera mole, a nossos caprichos, obrigando-a a assumir as formas que queremos” (MONTAIGNE, 1972, p. 210). Se não fosse assim, ela não apresentaria tantas discrepâncias e divergências; as tentações não teriam a força que possuem para influenciar o homem e, este, resistiria aos seus fracos assaltos como: “[...] o amor à novidade, a tirania dos príncipes, a sorte de um partido, as mudanças temerárias e fortuitas de nossas opiniões” (MONTAIGNE, 1972, p. 210). Por isso, a religião não possui seu fundamento na razão, antes deve-se aceitar que sua base sólida se encontra na fé.

A razão por si não desvenda os mistérios da fé. Conforme Birchall (2005), em sua *Apologia*, o filósofo ao sustentar que Deus é absolutamente transcendente, limita a razão humana e afirma sua incapacidade para alcançar a verdade. Assim, “o sobrenatural e o natural não só se distinguem, como o superior do inferior, mas, a rigor, não estabelecem nenhum tipo de contato, a não ser por pura iniciativa divina” (BIRCHAL, 2005, p. 47). O homem, por sua vez, se vangloria de seu saber, porém ilude a si mesmo, pois a sabedoria humana não passa de loucura diante de Deus (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 213). De acordo com Montaigne, considerando que as produções intelectuais dos homens estão sujeitas à incerteza e à discussão, apenas a graça pode garantir o acesso à verdade. Em vista disso, “[...] tudo o que empreendemos sem que Sua graça nos ilumine não passa de vaidade e loucura” (MONTAIGNE, 1972, p. 260). Disso segue-se que o contato com a realidade em si mesma pode ocorrer somente se for da vontade do Criador<sup>41</sup>. Dessa maneira, entende-se que a verdade divina – considerando a limitação dos seres racionais – não pode ser objeto de conhecimento, pois apenas Ele conhece suas obras. Consequentemente, conforme afirma Birchall (2005, p. 52), “[...] toda tradução da verdade divina à linguagem da razão é, se não uma fraude, pelo menos um grande engano”. Segundo Birchall (2005, p. 46-47), ao ser admitido que a verdade se encontra unicamente na divindade, por conseguinte entende-se que

---

<sup>41</sup> Conforme o próprio autor menciona em sua *Apologia*, a saber: “Não pode tampouco ocorrer que o homem se eleve acima de si mesmo e da humanidade, porque só pode ver com seus olhos e apreender com seus próprios meios. Elevar-se-á, se Deus lhe quiser dar a mão” (MONTAIGNE, 1972, p. 283).

a razão perde a sua definição essencial, isto é, a faculdade do conhecimento, pois torna-se uma entre as diversas funções instintivas que o homem possui para ajudá-lo ao longo da vida.

Montaigne compreende que a prática da fé conduziria a ação do homem para além da natureza e o saber para além da crença, isto é, rumo à verdade (Cf. BIRCHAL, 2005, 48). Assim, o filósofo, na *Apologia*, expõe uma crítica sobre o comportamento incoerente dos que se dizem crentes e ou adeptos a uma crença:

[...] se nossa fé assentasse em fundamento divino, as tentações humanas não teriam o poder de nos abalar como têm [...]. Se esse raio divino nos atingisse ainda que de leve, em tudo o veriam. Nossas palavras e nossos atos lhe refletiriam o clarão [...]. Se tivéssemos um pingo somente de fé, removeríamos montanhas, dizem os Evangelhos. Nossas ações, inspiradas pela divindade que presidiria igualmente à sua execução, não se incluíam apenas entre as que o homem pode cumprir, mas participariam do milagre (MONTAIGNE, 1972, p. 210).

Contudo, ao ser observada a realidade, é notório que as pessoas não vivem segundo o descrito na citação acima, antes migram de crença conforme as novidades, os interesses, desejos, paixões, vaidades, etc. Suas ações estão distantes de coincidirem com as palavras, ou seja, expressam um moralismo vazio<sup>42</sup>. Assim, fica transparente uma religião impregnada de nebulosidade com relação à verdade, marcada pela violência, pelos conflitos e os mais diversos vícios que podem habitar no homem. De acordo com Birchal (2005, p. 49), “[...] a fé permanece, portanto, como uma espécie de lugar não preenchido capaz de denunciar as pretensões racionais dos teólogos, a autoilusão dos piedosos e a ingenuidade dos supersticiosos”. Entretanto, Montaigne a define como uma submissão que o sujeito aceita com relação a uma palavra que possui autoridade e deve ser aceita como tal.

No que tange as religiões, de acordo com Duarte (2011), dentre os alicerces que compõe o cristianismo, está a dimensão do pecado. Ela, por sua vez, fundamenta a moralidade cristã. Em vista disso, os homens devem pautar suas ações conforme a inspiração que emana dos Evangelhos Sagrados. Consequentemente, na vida eterna os que praticaram o bem receberão a recompensa, verão a Deus e gozarão das bem aventuranças, por outro lado, os que praticarem o mal, estes herdarão como justa punição de suas ações corrompidas os sufrágios e castigos eternos. Entretanto, na época de Montaigne, a mente de muitas pessoas ficou confusa com o advento do protestantismo, pois as crenças vigentes foram abaladas, “[...] estávamos na

<sup>42</sup> Em sua maioria, os homens desconhecem a religião que seguem, por vezes, compreendem-na apenas segundo a sua vontade ou ainda a seguem pelo medo de sofrer alguma desventura. De igual maneira se expressa o filósofo na *Apologia*: “[...] não compreendemos nossa religião, senão a nosso modo e a nosso bel-prazer, como compreendemos qualquer outra religião. Se é nossa, é porque o destino nos fez nascer em um país onde ela existe, porque é muito antiga, ou porque os homens que a estabeleceram merecem nosso respeito, ou porque tememos os castigos com que ameaça os que não a seguem, ou ainda porque nos seduzem suas promessas. Todas essas considerações podem pesar em nossas crenças, mas são secundárias; são laços de ordem puramente humana” (MONTAIGNE, 1972, p. 211).

época em que a Reforma de Lutero começava a expandir-se e a abalar em muitos países as antigas crenças” (MONTAIGNE, 1972, p. 209). Deste movimento despertaria o ateísmo, pois um dos principais debates passou a ser sobre a possibilidade da existência de uma verdade religiosa única. Para Lutero, não compete à igreja dizer o que é a verdade, já que a instituição é falha e comete erros, antes, o crente deve buscá-la na Sagrada Escritura (Cf. CONTE, 1996, p. 8). Em contrapartida, os que se posicionavam contrários à Reforma, estes argumentavam que a verdade derivava do magistério e a tradição da Igreja. Não obstante, Calvino propunha a predestinação. Para ele, o mundo está predeterminado, pois Deus antes mesmo de criar o homem já havia escolhido seus eleitos e os que seriam condenados. Conforme o seu pensamento, apenas os escolhidos podem chegar ao conhecimento da verdade religiosa. Sem a iluminação divina, toda interpretação a respeito da Bíblia seria falha e vã<sup>43</sup>. Todo este contexto, segundo o filósofo, instiga Sebond a escrever sua obra no intento de “[...] estabelecer e provar, contra os ateus, todos os artigos de fé da religião cristã, baseando-se unicamente em razões humanas e naturais” (MONTAIGNE, 1972, p. 209).

Em meio ao conflito religioso da época, Montaigne opta pelo discernimento filosófico e passa a propor uma visão cética como equilíbrio entre dogmáticos e racionalistas. Uma vez que a razão é limitada para o conhecimento, a religião deve estar fundamentada exclusivamente na fé. Esta, resulta em graça concedida à humanidade pelo ser divino. Assim sendo, enquanto o dogmático ao ser convencido sobre uma determinada crença, converte-se à uma religião. O cético, por sua vez, se admite uma religião, o faz não porque nela crê, antes apenas de maneira prática, considerando a utilidade de tal crença para o contexto social<sup>44</sup>. “Se o homem fosse sensato, a cada coisa daria um valor, segundo sua utilidade e sua adequação à vida” (MONTAIGNE, 1972, p. 230), já que a verdade está encoberta, deve-se aceitar as opiniões que estão em vigência.

<sup>43</sup> Para os seguidores da doutrina calvinista, Deus desde a eternidade já escolheu os seus eleitos, isto é, os que receberão o perdão de suas faltas e herdarão a vida eterna. Assim como também teria escolhido de antemão os que serão condenados a sofrer os tormentos do inferno. Em vista disso, compreende-se que tudo está predestinado conforme a vontade do Criador. Logo, segundo o fim para o qual cada ser humano foi criado, pode-se dizer que o mesmo está predestinado para a morte ou para a vida. Em contra partida, a Igreja Católica compreende que a graça é dom sobrenatural de Deus e depende unicamente da Sua iniciativa que é gratuita. A graça é infundida pelo Espírito Santo na alma para curá-la do pecado e a santificar. Conforme explica o Catecismo da Igreja, a preparação do ser humano para acolher a graça já é uma obra da graça. Esta, é necessária para suscitar como também sustentar a colaboração dos indivíduos na justificação e santificação que se dá através da caridade. Ainda, compreende-se que a graça foi merecida pela paixão de Jesus Cristo e concedida aos homens por infinito amor de Deus. Assim, cada pessoa servindo-se do livre-arbítrio pode usar da liberdade para responder à graça divina e entrar livremente em comunhão com o puro amor. Embora o Criador queira salvar todas as criaturas, algumas se perdem, pois gozam do livre-arbítrio que lhes garante a possibilidade de escolher livremente abraçar a graça da salvação ou simplesmente recusá-la aceitando a justa recompensa que implica na perdição.

<sup>44</sup> Conte (1996, p. 32s), também explica o pensamento montaigniano sobre a postura dogmática e cética no que se refere ao acesso humano à verdade.

Servindo-se das analogias bíblicas, Montaigne exalta a ignorância humana em detrimento da razão ao sustentar que Deus serve-se dos humildes, simples e ignorantes para instaurar o seu projeto na humanidade. Assim, a verdadeira sabedoria está naqueles que assumem sua fragilidade e confessam nada conhecer<sup>45</sup>. Segundo Conte (1996), a verdade religiosa é determinada pela revelação juntamente com a fé, já que a razão é falha nesta incumbência. Logo, ao homem sábio compete viver com leveza, isto é, sem prender-se aos dogmas e opiniões formuladas pelo povo. Em *Dos costumes e da inconveniência de mudar sem maiores cuidados as leis em vigor*, o filósofo afirma:

O sábio precisa concentrar-se e deixar a seu espírito toda liberdade e faculdade de julgar as coisas com serenidade, mas quanto ao aspecto exterior delas cabe-lhe conformar-se sem discrepância com as maneiras geralmente aceitas (MONTAIGNE, 1972, p. 66).

O homem deve, na visão do autor, conformar-se com a coisas tal como os sentidos lhe apresentam, aceitar as limitações naturais que existem, evitar a extravagância, pois nas ações extremas encontram-se os vícios que induzem ao erro e contradizem a disposição humana de agir conforme a razão tendo em vista a justiça. No que concerne à religião, haja visto que ninguém goza da verdade absoluta, convém seguir a tradição. No tocante à fé, Montaigne opta por seguir o cristianismo, doutrina vigente de sua época. O filósofo faz tal escolha não porque crê ou defende os dogmas cristãos, antes justifica sua atitude por meio da utilidade e zelo da ordem pública. Ele mesmo afirma na *Apologia*:

Incapaz de escolher por mim mesmo, confio na escolha de outrem e atendo-me às condições em que Deus me colocou, sem o que não poderia impedir-me de variar amiúde. Assim é que, com a graça de Deus, conservei inteiras, sem inquietações nem casos de consciência, as antigas crenças de nossa religião, a despeito de tantas seitas e divisões observadas em nosso século (MONTAIGNE, 1972, p. 267).

Em vista disso, é necessário que o homem se exercite na busca pela moderação, convém impor critérios e limites quanto à emissão de opiniões, julgamentos, troca de experiências entre sujeitos, etc. Estando a verdade para além dos limites da espécie humana, cada um herda as características do meio ao qual é fruto. Assim, recebe destaque a célebre frase do filósofo, a saber: “[...] somos cristãos como somos perigordinos ou alemães” (MONTAIGNE, 1972, p. 211). Em fim último, a vida paira sobre as incertezas, por isso convém abster-se de qualquer juízo que possa vir a comprometer seu locutor.

---

<sup>45</sup> Nas palavras do próprio autor: “A participação grande ou pequena que temos no conhecimento da verdade, não a obtemos com nossas próprias forças; demonstrou-nos Deus, escolhendo no povo gente simples e ignorante para nos revelar Seus admiráveis segredos. [...] Graças à nossa ignorância, mais do que ao nosso saber, temos conhecimento das coisas divinas” (MONTAIGNE, 1972, p. 236).

### 3.3 O CETICISMO DE MONTAIGNE

A filosofia cética que outrora havia sido bastante esquecida no período medieval, tem suas concepções resgatadas pelo período que corresponde à modernidade, especialmente durante o século XVI. De acordo com Marcondes (2012, p. 424), o ceticismo pode ser compreendido como “[...] a presença de questões céticas sobre a possibilidade da certeza no âmbito tanto do conhecimento, quanto da ação”. Ele se refere à suspensão do juízo no que tange ao saber e sua justificação. Ademais, teve sua difusão significativa graças às traduções da língua grega para a latina. Em conformidade com Maciel (2011), a visão cética surge em um contexto histórico tomado pela crise, pois as certezas medievais são colocadas em dúvida e outras proposições para explicar o mundo são apresentadas com o objetivo de desvelar os mistérios do natural e sobrenatural, do conhecer e do ser.

O ceticismo defendido pelo autor se refere a todas as coisas que estão para além do eu. Montaigne constrói uma filosofia que incentiva os indivíduos à reflexão sobre si mesmos, pois desse modo torna-se possível controlar os pensamentos, os impulsos das paixões bem como as ações (Cf. ZIMMERMANN, 2019, p. 210). Atualmente, inúmeros autores relacionam o pensamento deste pensador a um ceticismo<sup>46</sup>. Seu pensamento também é relacionado a um ceticismo moderado, isto é, acadêmico, uma vez que em seus *Ensaio*s, fica transparente uma visão humanista e tolerante para com as diversas maneiras empenhadas pelas pessoas para externalizar suas expressões caracterizando, desse modo, suas distintas culturas. Adotar um posicionamento intolerante implica adesão a um posicionamento arrogante e dogmático. Logo, o melhor a ser feito pelo cético é adotar os costumes locais e manter-se livre de pré-conceitos, ou seja, estar disponível para dialogar com as mais distintas visões de mundo e formas de vida, assim como o faz o autor dos *Ensaio*s (Cf. ZIMMERMANN, 2019, p. 206). Montaigne ao filosofar, também denuncia as injustiças, a opressão, a violência, a crueldade, a matança e o ódio, que permeiam as relações humanas, como foi o caso dos europeus para com os selvagens do Novo Mundo ou ainda entre os católicos e protestantes. Em vista disso, afirmar que o filósofo defende um ceticismo absoluto

---

<sup>46</sup> De acordo com Duarte (2011), na visão de muitos intérpretes, sem sombra de dúvidas, o ceticismo é a principal característica que compõe a filosofia de Michel de Montaigne. Ademais, ele foi o primeiro pensador a incorporar as premissas desta teoria nos debates e discussões em seu contexto histórico. Para Eva (2012, p. 398), para construir seu pensamento filosófico, Montaigne apropria-se de algumas fontes do ceticismo como o pirronismo de Sexto, a filosofia acadêmica de Cícero, assim como de Diógenes Laércio e Plutarco. Conte (1996), por sua vez, reconhece o trabalho do filósofo e afirma sem dúvidas ser ele o pensador que melhor reflete a retomada do ceticismo no Renascimento.

ao qual suspende seu juízo a respeito de todas as coisas, acarreta cair em equívoco. Ademais, ressalta-se que o tema a respeito do ceticismo recebe destaque na *Apologia*, já que aparece de modo mais nítido.

Com o intuito de romper com os conflitos não apenas culturais, mas os que se davam entre ateus e dogmáticos, o ceticismo surge como meio mais adequado a ser empregado para a resolução do problema. Em vista disso, a dúvida é aceita radicalmente já que, como mencionado outrora, a razão é limitada para explicar a fé e também gera incertezas quanto às regras morais elaboradas para reger a vida humana. Quanto às desavenças entre os povos, o autor apela para o exercício da tolerância, pois conforme Zimmermann (2019, p. 192), “[...] se criticarmos o outro, porque seus modos aparentemente nos são aberrantes e nos causam desconforto, o mesmo podemos constatar no interior de nossas próprias crenças e costumes”. Numa visão montaigniana, os conflitos devem ser evitados, uma vez que a verdade absoluta não é objeto de alcance mediante o esforço particular de cada um. Assim, o diálogo é incentivado para que a paz e o respeito possam ocorrer entre as nações. Ademais, é preferível seguir com prudência as tradições adotadas pela maioria em um ambiente social, antes de buscar alternativas e mudanças deixando-se guiar pelas vaidades e pretensões que habitam no íntimo do ser humano, pois delas podem resultar malefícios (Cf. MACIEL, 2011, p. 58).

Por meio do ceticismo defendido por Montaigne, cada pessoa ao perscrutar a si mesma, conseqüentemente dar-se-á conta de que é falha, limitada e fraca. Assim, o orgulho e a soberba são rompidos, disso segue-se a tomada de consciência que abre caminho para o respeito à liberdade de crer e opinar. Sua filosofia busca ajudar o homem a pensar de maneira equilibrada, ou seja, livre de posicionamentos autoritários ou arbitrários. Conforme Zimmermann (2019), a abertura para o novo, por mais estranho que este aparente ser, a maturidade para aceitar as críticas, a capacidade de estabelecer conversações saudáveis com o outro, são disposições que ajudam o homem a encarnar uma visão cética a respeito do mundo e evitar os conflitos. Em *Da arte de conversar*, o autor explana:

Nenhuma afirmação me espanta, nenhuma crença me fere, por contrária que seja às minhas. Não há fantasia, por frívola e extravagante, que não me pareça compatível com produções do espírito humano. Nós, que privamos a nossa inteligência do direito de julgar, encaramos sem antipatia as ideias alheias e damos-lhes ouvidos embora não as acatemos (MONTAIGNE, 1972, p. 422-423).

O autor não deixa seus pensamentos serem abalados por opiniões ou teorias divergentes. Tampouco impõe sua vontade como indubitável, antes exercita a compostura ao debater com seu semelhante buscando uma equipolência entre ambas as partes, servindo-se da razão para chegar a este fim mútuo. O ceticismo consiste no meio eficiente que possibilita ao

ser humano despir-se dos preconceitos e desenvolver uma abertura para aceitar o diferente (Cf. MARCONDES, 2012, p. 431).

Ao adotar a posição cética, Montaigne estimula a valorização das coisas simples que compõem o dia-a-dia de cada sujeito. Para ele, o empirismo é a base que permite aos céticos responder às problemáticas oriundas das circunstâncias da vida (Cf. CONTE, 1996, p. 31). Logo, o homem deveria deixar-se guiar pela vida tal como ela flui e ele a conhece. Neste aspecto, a prática do ceticismo ocorre quando os indivíduos se servem da razão e reconhecem que o conhecimento que adquirem é sempre relativo, pois a verdade em si está para além da capacidade natural dos seres racionais. Nas palavras do filósofo,

Tudo o que produzem nossa razão sozinha e nossa inteligência, tanto o verdadeiro como o falso, está sujeito à incerteza e à discussão [...]. Tudo o que empreendemos sem que Sua graça nos ilumine não passa de vaidade e loucura. A própria essência da verdade, uniforme entretanto e constante, nós a corrompemos e ela degenera em virtude de nossa fraqueza, quando a sorte no-la oferece (MONTAIGNE, 1972, p. 260).

Montaigne enfatiza a fragilidade da faculdade racional em seu empenho para conhecer as coisas verdadeiras. Quando o homem sozinho busca compreender os objetos e confia apenas na sua capacidade, então comete equívoco e engana-se. Na visão do filósofo, pode-se afirmar que a verdade pertence a Deus e à quem Ele quiser revelar. Então, é preciso aceitar que as pessoas não sabem tudo. Logo, na visão de Duarte (2011), essa tomada de consciência permite a cada um experimentar uma vida mais tranquila, suave, agradável, passível ao debate e à reflexão.

Tendo em vista que os objetos do conhecimento são, de fato, obscuros à percepção humana, o cético coloca suas crenças em suspenso e reconhece os efeitos oriundos dos fenômenos sem, todavia, comprometer-se. Dessa maneira, ele consente a respeito das experiências básicas que são compartilhadas por todos e não oferece um conhecimento sobre a essência das coisas, antes apenas aderem ao fenômeno. Segundo Sexto Empírico, “o cético não dirá, por exemplo, quando com frio ou calor, ‘eu não estou com frio/ com calor’” (*apud* EVA, 2012, p. 405), pois apenas estaria elucidando uma situação da natureza que pode ser comprovada. Alguns comentadores ao interpretar o pensamento de Montaigne, aproximam-no das ideias defendidas pelos céticos pirrônicos, porém, certas interpretações mais modernas o aproximam de um ceticismo acadêmico, outros ainda sustentam que ele teria criado um ceticismo próprio. Em vista disso, embora esta pesquisa esteja pautada nas ideias céticas deste filósofo, não possui a pretensão de definir o seu pensamento à uma perspectiva ou corrente da época, antes limita-se à observação dos fatos ao evitar ignorar que o autor parece buscar uma

moderação, na medida em que demonstrar uma sensibilidade em relação às angústias e tribulações vividas pelos seres humanos, além de estar aberto à tolerância e ao diálogo com o outro.

Ainda, conforme Eva (2012), considerando que os indivíduos nascem e se deparam com uma realidade já formada com suas peculiaridades, conseqüentemente os costumes são aceitos como se parecessem naturais. No entanto, o ceticismo os põe em dúvida, já que não passam de costumes, pois o homem não goza de uma ferramenta que lhe permita um conhecimento *a priori*. Sexto Empírico nas *Hipotiposes* explica que o cético não aceita os critérios propostos pelos dogmáticos a respeito do conhecimento. Para eles, deve-se guiar pelos fenômenos, através das imposições naturais e inevitáveis, por meio dos costumes e das leis em voga, sem emitir opiniões. Em vista disso, para evidenciar que se deve abster de expressar um juízo, Sexto apresenta como exemplo o conceito de bem a saber:

[...] que o bem seja proveitoso, digno de ser acolhido [...] e promotor de felicidade, sobre isso, sem dúvida, [os homens] estão de acordo. Mas quando lhes perguntamos a que pertencem esses atributos, eles recaem numa guerra incrível, uns dizendo que é a virtude, outros que é o prazer, outros a ausência de dor, outros alguma coisa outra. E seguramente, se o que é o bem em si fosse mostrado pelas definições citadas acima, eles não seriam em conflito como se ignorassem sua natureza (*apud* EVA, 2012, p. 399).

Servindo-se do conceito de bem, o filósofo torna lúcida a existência de diversas teorias desenvolvidas para um mesmo fim. Assim, o autor aproveita desta razão para justificar a dificuldade humana em apalpar a verdade, e este acaba tornando-se mais um motivo em prol do ceticismo<sup>47</sup>, pois reforça dessa maneira a ideia que consiste em seguir a tradição. Por isso, convém seguir a orientação do filósofo, “[...] aconselho-vos moderação e reserva nas opiniões que emitis, e nos raciocínios tanto quanto nos costumes; evitai a novidade e a originalidade” (MONTAIGNE, 1972, p. 262).

Dentre os que adotam a corrente do ceticismo para analisar a realidade e explica-la, estão os céticos pirrônicos e acadêmicos. Conforme Montaigne, os pirrônicos compreendem o homem despojado de todas as suas vaidades, pois é na humildade que a criatura humana se abre verdadeiramente para que a graça possa agir nela, já que apenas um ser supremo

<sup>47</sup> O homem não goza de um critério racional para resolver as divergências. “[...] se portanto, as coisas que nos afetam por natureza afetam todos do mesmo modo, mas os assim chamados bens não nos afetam todos do mesmo modo, então nada é bom por natureza. Não é possível ser convencido por todas as opiniões apresentadas acima, por causa do conflito, nem por alguma delas. Pois aquele que diz que devemos achar convincente esta e não aquela, tem contra si opostos os argumentos daqueles que sustentam concepções diferentes e se torna parte da disputa. Assim, ele precisará, como os demais, antes ser julgado do que ser juiz dos outros. Uma vez, então, que não há critério ou prova, em razão da disputa indecidível a respeito destes, ele terminará suspendendo o juízo e assim não será capaz de afirmar acerca do que é por natureza bom...” (*apud* EVA, 2012, p. 403).

contempla a verdade e a faz conhecida a quem for de sua vontade. Em vista disso, nessa filosofia o homem

[...] aparece nu e vazio, consciente de sua fraqueza natural e suscetível de receber de cima, até certo ponto, a força de que carece. Estranho a todos os conhecimentos humanos, acha-se tanto mais preparado a se tomar um domicílio para a ciência divina; faz abstração de sua própria inteligência a fim de dar maior espaço à fé (MONTAIGNE, 1972, p. 239).

Conforme explica Neto (2012), para o filósofo, a fé não se dá enquanto fruto das capacidades humanas, antes é concedida ao homem puramente pela graça do Criador. Em vista disso, considerando as limitações da razão, o fato de existir uma doutrina mais provável que outra, disso não deriva que ela seja mais verdadeira, já que a probabilidade é calculada subjetivamente pelo ser humano e, este, emite seus juízos com base nas aparências. Embora o homem seja limitado para conhecer as coisas em si mesmas, os pirrônicos seguem na busca pela verdade<sup>48</sup>. Em conformidade com Zimmermann (2019, p. 211), de maneira geral, pode-se afirmar que o acataléptico “[...] suspende o juízo sobre todas as coisas, incluindo o valor ou *status* das informações de suas próprias sensações, sentimentos e ações”. Ainda, eles duvidam inclusive da proposição de que tudo é duvidoso.

A tarefa do pirrônico, segundo Montaigne, consiste na estimulação da dúvida mediante a investigação sem afirmar e tampouco assegurar alguma proposição sustentando uma certeza ou defendendo um juízo em relação a outros (Cf. MONTAIGNE, 1972, p. 237). Para eles, devido as controvérsias geradas pelas opiniões na tentativa de explicar a coisa em si, conseqüentemente, emerge a dúvida, que por sua vez, origina o estado de *epoché*. De acordo com Conte (1996), o pirrônico não emite um posicionamento para evitar a contradição. Assim, no diálogo filosófico com seus interlocutores, eles apresentam sentenças que desencadeiam na suspensão do julgamento. Em vista disso, para o autor,

[...] os pirrônicos levam grande vantagem nas discussões, pois pouco lhes importam os ataques dos adversários, desde que possam atacar também. Tudo lhes serve de argumento; se vencem, nossas razões não têm valor; se ganhamos, as deles é que não prestam; se erram, fica demonstrado que a ignorância existe; se nos enganamos, nós é que fornecemos a prova de sua existência; se conseguem convencer de que nada é certo, confirmam a tese que defendem; se não o conseguem, ei-la naturalmente confirmada: “encontrando a propósito de um mesmo assunto razões idênticas a favor ou contra, é-lhes fácil suspender seu julgamento em um sentido ou noutro” (MONTAIGNE, 1972, 238).

Para Montaigne, não é a finalidade dos céticos arruinar o senso comum e estimular uma vida inerte, mas questionar a ciência dogmática, pois ela comete equívocos ao ultrapassar

---

<sup>48</sup> Sobre a busca dos pirrônicos pela verdade, consultar também: Conte (1996, p. 21).

o limite dos fenômenos com o objetivo de tratar das coisas em sua essência. O filósofo entende que o homem não deve apelar ao sobrenatural, porém conformar-se com as aparências já que, por enquanto, a verdade está oculta.

Em contrapartida, enquanto os filósofos dogmáticos sustentam terem alcançado a verdade, os filósofos adeptos ao ceticismo acadêmico, por outro lado, negam a possibilidade de o ser humano atingir uma certeza absoluta, contudo, admitem existir certas opiniões verossímeis<sup>49</sup>. Contudo, adotar este pensamento implica uma contradição, pois ou a verdade pode ser conhecida ou não, e os sujeitos devem se abster de qualquer julgamento. Embora o cético perceba aparentemente as sensações e os afetos, opta por não atribuir sobre estes um valor de verdade. Segundo o autor, “[...] quem procura alguma coisa acaba por declarar, ou que a encontrou ou que não a pôde descobrir, ou que continua a busca. Toda a filosofia tende a uma dessas três conclusões; seu objetivo é procurar a verdade, penetrá-la e convencer-se dela” (MONTAIGNE, 1972, p. 236)<sup>50</sup>.

Na visão do filósofo, os pirrônicos criticam o posicionamento dos acadêmicos, pois dada as limitações humanas para conhecer a verdade, também são frágeis os argumentos da verossimilhança como instrumento epistemológico. Considerando que as faculdades humanas são inconsistentes, não se deve deixar influenciar o julgamento pelas aparências que possam surgir<sup>51</sup>. Já no que tange os dogmáticos, de acordo com Eva (1992), seu mal é a presunção. Na visão do autor, os dogmáticos defendem seus posicionamentos sem um exame profundo de suas razões. Assim, adotam suas crenças de modo presunçoso contra os que delas discordam. Assim, o cético se esforça para demonstrar mediante os próprios argumentos de seus oponentes, suas fragilidades e fraquezas.

Dentre as distintas visões filosóficas empregadas pelos céuticos, Montaigne adota alguns elementos do pensamento dos pirrônicos, e o defende em sua obra, uma vez que eles

---

<sup>49</sup> Sobre os céuticos acadêmicos, conferir Montaigne (1972, p. 264).

<sup>50</sup> Nos *Ensaio*s, sobre o dogmatismo, ceticismo acadêmico e pirrônico, Montaigne (1972, p. 236), apresenta algumas distinções pertinentes a saber: “Os peripatéticos, os epicuristas, os estóicos e outros pensam tê-la encontrado; estabeleceram o rol dos nossos conhecimentos e os consideram indiscutíveis. Clitômaco, Carnéades e os acadêmicos em geral desesperam de encontrar a verdade e julgam que nossas faculdades são incapazes de descobri-la; daí concluírem pela fraqueza e ignorância do homem. Sua doutrina foi a que mais se expandiu e conta entre seus adeptos os mais nobres espíritos. Pirro e os outros céuticos, [...] acham que a verdade ainda está por se encontrar. Acham que os que acreditam tê-la descoberto laboram em profundo erro, e os que afirmam não serem as nossas forças capazes de alcançá-la, são, embora em menor grau, demasiado temerários ainda em sua asserção, pois determinar em que medida podemos conhecer as coisas e ajuizar da dificuldade de um tal conhecimento é ciência tão elevada, ultrapassando a tal ponto qualquer outra, que duvidam esteja o homem em condições de possuí-la”.

<sup>51</sup> Ao discordar do pensamento proposto pelos acadêmicos, Montaigne retoma a discussão sobre o verossímil sustentando que ela pressupõe a verdade assim como o faz Santo Agostinho ao escrever a obra *Contra Acadêmicos* com o objetivo de refutar este pensamento e apresentar seus equívocos. Em vista disso, consultar: (*Contra Acadêmicos* III, 37-43; *Confissões* V, 19).

não perdem a esperança de buscar a verdade (Cf. CONTE, 1996, p. 23). À vista disso, enquanto o cético mantém a busca, também se abstém de emitir um juízo precipitado o que os leva a seguir temerariamente a tradição, já que tudo é duvidoso. Assim sendo, o cético consiste em alguém que, segundo Oswaldo Porchat Pereira (1994, p. 90), “[...] tem a verdade por horizonte e anela por alcançá-la, mesmo se confessa ignorar ainda do que se trate”. Compreende-se que o cético continua a investigar porque para ele a ação de investigar lhe proporciona um estado de prazer.

A verdade é tão importante que deve ser buscada, mesmo que a desvelar plenamente não seja possível neste mundo. Em *Da experiência*, o autor faz uma recomendação: “o desejo de conhecimento é o mais natural. Experimentamos todos os meios suscetíveis de satisfazê-lo, e quando a razão não basta apelamos para a experiência” (MONTAIGNE, 1972, p. 481). O filósofo reconhece o valor da experiência para a compreensão dos fenômenos, por outro lado, as teorias que ultrapassam este campo, são condenadas e consideradas dogmatismo ou meras especulações<sup>52</sup> (Cf. CONTE, 1996, p. 31). Não obstante, a linguagem empregada para que os sujeitos estabeleçam a comunicação entre si também é limitada, “[...] tem seus defeitos e suas insuficiências, como todas as coisas. Em sua maioria, as desordens deste mundo têm sua origem nas sutilezas dos gramáticos” (MONTAIGNE, 1972, p. 248). Desse modo, a linguagem pode conduzir ao erro, pois em muitas situações é limitada na transmissão exata de conceitos e, por isso, possui sua parcela relevante com relação aos absurdos cometidos pelos homens entre si.

Numa perspectiva pirrônica, tudo está sujeito aos efeitos da dúvida! Para Montaigne, pode-se afirmar que a verdade descoberta é fruto do acaso, pois mesmo tendo-a nas mãos, o homem necessita de meios para aprendê-la e mantê-la. “Tudo o que produzem nossa razão sozinha e nossa inteligência, tanto o verdadeiro como o falso, está sujeito à incerteza e à discussão” (MONTAIGNE, 1972, p. 260). Em vista disso, aos que sustentam ser a faculdade racional capaz de conhecer a verdade, devem demonstrar tal proposição.

É sabido que o homem assim como todas as coisas efêmeras estão imersas em um mundo de aparências onde a razão não consegue produzir uma epistemologia capaz de abarcar o todo sem escorregar em equívocos ou erros. Por isso, a dúvida existe e persiste enquanto obstáculo a ser superado pelos intelectuais. Tendo em vista tais circunstâncias, somadas às

---

<sup>52</sup> O filósofo recomenda confiar nas aparências e nos dados empíricos, este é o pensamento sugerido pelo autor, por exemplo, na defesa de Pirro. “Quando por exemplo quer viajar por mar tem que o fazer sem saber se terá êxito ou não; calcula que o navio é bom, o piloto experimentado, favorável o vento. São probabilidades apenas a que precisa entregar-se, confiando nas aparências” (MONTAIGNE, 1972, p. 238). Assim sendo, “Todas as ciências que tratam de questões que sobre excedem a inteligência do homem vestem-se de licenças poéticas” (MONTAIGNE, 1972, p. 253).

diversidades de opiniões produzidas e distintas segundo as alterações das condições físicas e emocionais de cada sujeito, aquilo que o homem julga como certo em uma situação, pode sofrer alteração em outra, adotando uma posição duvidosa ou falsa. Em vista disso, sendo um fato a incapacidade de se identificar um padrão único para a verdade, Montaigne orienta a aceitar a tradição.

Se os meios de que dispõe a humanidade fossem suficientes para apreendermos a verdade sem recorrer a elementos estranhos; em sendo esses meios conhecidos de todos, a verdade transmitir-se-ia de mão em mão, de uns a outros, e aconteceria que, em tão grande número, uma coisa houvesse ao menos em que, por consenso universal, todos acreditassem (MONTAIGNE, 1972, p. 264).

O ceticismo do filósofo deixa evidente que qualquer proposição pode ser discutida. Seu método também coloca em dúvida a possibilidade de um conhecimento verdadeiro e justificado. Além do mais, atinge o saber filosófico e científico (Cf. CONTE, 1996, p. 58). Para Montaigne, não existe uma teoria que não possa haver outra que lhe seja contrária. Em todo caso, não há como negar a dúvida e a fraqueza da razão. Consequentemente, o ceticismo tende a prevalecer não importa as circunstâncias. Então, para guiar suas ações convém ao ser humano respeitar e adotar os costumes que regem sua nação de origem bem como toda a tradição.

A filosofia cética desenvolvida pelo autor ressalta a dúvida que se dá por meio da análise dos fatos, constatação da equipolência e percepção do relativismo, e isso contribui para uma noção de tolerância<sup>53</sup> para com relação ao seu semelhante (Cf. ZIMMERMANN, 2019, p. 192). Montaigne presenciou um contexto marcado por muitas revoltas e conflitos oriundos das mudanças políticas e religiosas. Assim, embora não defenda um movimento social, em sua obra permeia um sentimento de paz e tolerância<sup>54</sup> para, dessa maneira, evitar os massacres e garantir a ordem pública. Para tanto, o filósofo sustenta que os critérios universais não podem ser alcançados e nenhum povo possui a certeza absoluta para julgar os que são distintos.

Segundo a explicação de Zimmermann (2019), o caminho da política liberal que conduz à uma tolerância provém de uma reflexão interna e individual, isto é, não depende de

---

<sup>53</sup> Com relação à outras pessoas bem como a outros povos, Montaigne seria favorável a uma noção de tolerância. Ademais, de acordo com Zimmermann (2019, p. 213), o conceito de tolerância é muito amplo, pois envolve a liberdade de consciência entre as pessoas, o respeito às inúmeras denominações religiosas, até mesmo um certo acolhimento das opiniões alheias, e independe de estas ideias estarem atreladas a um determinado valor de verdade ou não.

<sup>54</sup> De acordo com Rainer Forst (*apud* ZIMMERMANN, 2019, p. 213), três aspectos da filosofia de Montaigne evidenciam o conceito de tolerância, a saber: “o ético (na medida em que gera conhecimento do relativismo de valores e formas de vida), o teórico-religioso (por um esforço pessoal em lutar por um estado de espírito sem preconceitos) e o político (no sentido de conformidade externa, sem se opor a leis e costumes).

meios externos. Em vista disso, uma noção de tolerância pode ser obtida mediante a valorização da liberdade de cada sujeito. Em vista disso, ao se pensar o período da modernidade, poder-se-ia afirmar que dentre as teorias políticas atuais, o método montaigniano assemelha-se ao liberalismo, já que ameniza a presença do Estado e assegura uma liberdade maior ao indivíduo que compõe a sociedade (Cf. ZIMMERMANN, 2019, p. 210). A visão cética de Montaigne mostra que todas as opiniões humanas são falíveis e suscetíveis ao engano. Assim sendo, para exercitar a tolerância, as pessoas necessariamente devem conhecer a si mesmas, pois é por meio do autoconhecimento que os sujeitos buscam uma vida equilibrada, suave, saudável e harmônica com relação a si próprias e ao ambiente ao qual estão. Ademais, já que os costumes são frutos da arte humana, não existiriam razões para a intolerância. Portanto, um ceticismo – como o proposto por Montaigne – que valoriza o ser de cada indivíduo, não julga as crenças, estimula viver conforme a tradição e suspende o juízo conservando a dúvida, é adequado à ideia de tolerância, pois implica ações de respeito e diálogo entre as pessoas.

Em linhas gerais, o ceticismo corresponde à suspensão do juízo no que diz respeito a emissão de juízos que corroboram com uma certeza tanto no âmbito da epistemologia quanto da religião. Este trabalho, teve como norte de investigação o pensamento filosófico de Michel de Montaigne. Este, por sua vez, devido às crises e conflitos de sua época, acaba propondo o ceticismo como resposta para apaziguar os extremos e ler o mundo por meio de um olhar distinto, isto é, cético. Atualmente, alguns pesquisadores relacionam a filosofia montaigniana com o ceticismo pirrônico, o qual emprega uma posição radical à qual a dúvida é absoluta. Por outro lado, durante a modernidade e o período contemporâneo, há os intelectuais que justificam suas argumentações ao afirmar que o filósofo teria adotado um ceticismo acadêmico. Estes negam a possibilidade de o homem encontrar a verdade e, por isso, cada sujeito deve se conformar com as coisas prováveis ou verossímeis<sup>55</sup>. Analogamente, sobre o pensamento de Montaigne, outros estudiosos afirmam que este teria originado um ceticismo próprio, mais moderado, porque não é insensível aos problemas da humanidade, reconhece as

---

<sup>55</sup> Compreende-se que este posicionamento adotado por alguns pensadores pode ser comprometedor e também problemático, já que alguns acadêmicos como Carnéades, também Cícero, enquanto acadêmicos, não se comprometem conforme sustentado nesta afirmação segundo as *Hipotiposes Pirrônicas* de Sexto Empírico. Para Sexto, os acadêmicos consideram a verdade inapreensível, isto é, não pode ser alcançada. Logo, considerando que o conhecimento possível é relativo, pois limita-se às impressões produzidas pelas coisas, o homem não conhece as coisas em si mesmas. Assim, o mesmo deve conduzir sua vida prática em conformidade com a plausibilidade e evitando a emissão de um juízo. Tendo em vista que esta questão demanda maior aprofundamento devido às suas controvérsias, se faz oportuno explicar que, neste trabalho, esta problemática não será aprofundada.

limitações da razão, propõe seguir os fenômenos encontrando as respostas científicas por meio da experiência, contudo, suspendendo o juízo e aderindo aos costumes em voga.

Compreende-se que apresentar uma definição para classificar ou limitar a filosofia utilizada pelo autor não é uma tarefa fácil, uma vez que a comunidade científica não possui um posicionamento unânime quanto à esta questão. Em vista disso, esta pesquisa não possui a pretensão de resolver, isto é, sanar este impasse entre os filósofos no que concerne ao ceticismo defendido e proposto por Montaigne e, conseqüentemente comprometer-se com uma das posições defendidas pelos comentadores já mencionados. Por isso, tal problemática ainda permanece como objeto de investigação! Por ora, limita-se neste trabalho explicar sobre o ceticismo apresentando as ideias que o filósofo defende, atendo-se aos fatos, mostrando que o ser humano é limitado, não possui uma certeza absoluta, tampouco é superior aos demais os seres. Logo, compete a ele dialogar com o diferente, continuar na busca pela verdade, aceitar suas fragilidades e diante dos argumentos que lhe são apresentados para além dos limites que comportam os fenômenos, abster-se de um juízo que possa comprometê-lo. Entende-se que o comportamento proposto pelo ceticismo possibilita ao homem desvencilhar-se das ilusões metafísicas bem como das amarras da ciência.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel de Montaigne foi um filósofo, escritor e jurista francês que muito contribuiu para com o aprimoramento intelectual de sua época, ao propor o ceticismo como opção para nortear a vida prática das pessoas. Evitando dessa maneira, o dogmatismo exagerado e a confiança cega nas capacidades limitadas da razão. O autor viveu em um período marcado por inúmeros conflitos, guerras, matanças e pestes que assolavam a Europa. Em meio às dificuldades, as antigas tradições e suas estruturas até então sustentadas pelos argumentos da fé começaram a ruir, as respostas não mais eram satisfatórias. Logo, revolucionar as formas de se pensar e a razão juntamente com os paradigmas científicos passaram a receber notoriedade e confiança, o que por vezes acirrou ainda mais os conflitos. Consequentemente, para dar respostas ao seu contexto gritante, Montaigne elabora sua obra intitulada *Ensaaios*. Esta, serviu de norte e guia para toda a pesquisa desenvolvida.

Nos *Ensaaios*, o filósofo discorre a respeito dos mais variados temas como: o homem, as emoções, virtudes, leis, a política, cultura, religião, ciência, violência, os valores, etc. Assim, além de criticar o contexto social, político e religioso, ele também possibilita ao homem uma maneira modesta de autoconhecimento e tomada de consciência sobre os próprios sentimentos o que possibilita ao indivíduo escolher uma ação de maneira consciente e responsável. Não obstante, Montaigne não se preocupa com a elaboração de mais e mais teorias, antes faz uma releitura do contexto para promover o diálogo entre as culturas e o respeito mútuo entre os povos. Por isso, ele explana a respeito dos europeus e suas relações para com os povos nativos das Américas.

Ao longo deste trabalho, fica transparente que o filósofo não visa um fanatismo religioso, haja vista que predominava na Europa os conflitos acirrados entre católicos e protestantes, antes pretende apresentar um equilíbrio entre as partes. Dessa maneira, Montaigne propõe uma visão fideísta, já que apresenta a fé como fundamento e meio para verificar a verdade anunciada pela religião assim como também elabora o ceticismo ao expor as fraquezas e vaidades que compõem o homem e habitam em seu íntimo. Assim sendo, seu trabalho minucioso muito contribui com a modernidade, uma vez que seus raciocínios bem apresentados aprofundam a dúvida em vários níveis a ponto de abalar toda e qualquer atividade racional. Para alguns pensadores, Montaigne adota um ceticismo pirrônico, por outro lado, outros defendem que seu pensamento corresponde a um ceticismo moderado, pois adota uma visão humanista, dado que não se abstêm, isto é, não fica indiferente diante do sofrimento e a dor.

Ao discorrer sobre os povos do Novo Mundo, Montaigne o faz com propriedade, visto que o mesmo interagiu pessoalmente com pessoas advindas da América, como também acessou muitas literaturas que narravam as histórias no que tange as navegações para o ocidente e para as Índias no oriente. Ao apresentar as mais distintas culturas, seus costumes e crenças, além de confrontar os estilos de vida, o filósofo enfatiza a dificuldade que existe quando uma civilização se esforça para compreender e interagir com a outra devido à multiplicidade de diferenças predominantes. Segundo o autor, estas discrepâncias são construídas ao longo do tempo através dos hábitos, destes resultam os costumes e deles seguem-se as peculiaridades e características próprias originando e definindo desta maneira uma pluralidade de nações. Ademais, ao discorrer sobre os conflitos entre os europeus e a cultura indígena, é perceptível a dificuldade humana de dialogar com o outro e respeitar suas diferenças sem impor-lhes os valores e credences particulares ao observar os relatos de inúmeras atrocidades, abusos de poder e intolerância cometidas sem escrúpulos, justificadas pela ilusão de ser superior e dono da verdade.

Diante da morte, dor e sofrimento, Montaigne faz um apelo à paz, denuncia frequentemente os atos injustos cometidos pela sede de poder, riqueza e *status*. Os *Ensaio*s, demonstram que cada cultura possui qualidades e vícios, porém todas gozam de valor inestimável, logo uma não é superior à outra. Logo, mediante o diálogo, a paz pode ser preservada e os direitos assegurados para que cada um possa existir e prosperar segundo os seus costumes. Com base em Montaigne, percebe-se que a diferença aparenta ser um grande problema para as pessoas, já que se torna causa de contenda e atrito, porém quando vivida de modo equilibrado, estreita as relações possibilitando a troca de conhecimento e experiências.

O homem joga a si mesmo enquanto soberano e conseqüentemente submete o mundo, e tudo o que nele existe, conforme seus caprichos e vontades. Sabe-se que o ser humano é complexo, formado pela unidade entre alma e corpo, permanece cheio de mistérios a serem desvelados. Mediante vários exemplos, compreende-se, nesta pesquisa, que os sujeitos são frágeis, limitados, sensíveis, fracos, conseqüentemente seus esforços são vãos quando buscam contemplar a verdade em si mesma. Para Montaigne, este conhecimento é restrito a Deus, pois apenas Ele ocupa uma posição elevada que lhe permite contemplar a realidade em sua totalidade. Disso segue-se que a verdade se encontra na graça! O homem está rodeado de aparências e à mercê das incertezas.

Por meio da faculdade racional, os seres refletem sobre si, tomam consciência de suas ações bem como de sua existência, desenvolvem uma cultura, criam uma história e perpetuam nela a existência da espécie. Entretanto, neste mundo temporal todas as coisas estão sujeitas à

mudança em seus mais distintos aspectos e sentidos. Logo, tudo o que existe neste mundo é corruptível e finito. Enquanto as coisas estão em uma constante transformação, o homem está cercado de aparências, pois a natureza a todo momento se modifica. Em vista disso, ao discorrer sobre o aparato cognitivo que naturalmente serve para o desenvolvimento do conhecimento epistemológico, apresenta-se algumas objeções com base no pensamento montaigniano. De acordo com o filósofo, é intrínseco o desejo humano pelo conhecimento, pois ele perdura até a morte. Contudo, nos *Ensaaios*, é possível perceber que as teorias criadas, em conformidade com a experiência, são inúmeras e nunca ocupam uma posição final, pois podem ser derrubadas por outras que se apresentam mais prováveis e este movimento ocorre sucessivamente. Na visão do filósofo, este movimento implica na propagação da dúvida.

Para o filósofo, é fato que a essência das coisas é oculta ao ser humano, pois este é limitado. Assim, resta ao homem viver e se adaptar ao meio conforme sua condição, abandonando a vaidade, o orgulho e a presunção para viver de maneira humilde e digna. Cada sujeito deve aceitar e conviver com a condição de que a razão, por ser limitada, também é falha, podendo influenciar um julgamento equilibrado ou desregulado, verdadeiro como também falso. De acordo com Montaigne, a razão ajuda as pessoas a lidarem com os problemas diários, mas não faz ninguém melhor ou superior que outrem, como equivocam-se alguns ao pensar assim. Ademais, não serve como critério para que uma verdade seja julgada conforme enfatiza o filósofo.

A pesquisa em voga, ajuda a compreender, ao fundamentar-se no pensamento de Montaigne, que a verdade absoluta e universal está para além do alcance humano, pois a razão é limitada e não contempla as coisas em sua essência. Ainda, considerando que esta faculdade depende das informações colhidas pelos sentidos para formular o conhecimento e estes, por estarem suscetíveis ao erro, pregam peças ao homem constantemente, decorrendo disso o descrédito sobre eles. Assim sendo, é duvidoso o julgamento da razão, já que não possui prestígio, pois configura-se tanto à verdade como à mentira o que dificulta um julgamento reto.

Com o objetivo de fazer com que a humanidade tome consciência de sua condição no mundo, Montaigne, ao contrapor o homem com os animais, afirma por meio de inúmeras exemplificações descritas nos *Ensaaios*, ao discorrer sobre alguns atributos como: amar, ficar triste ou feliz, se comunicar, odiar, defender ou afrontar outrem etc..., que ambas as naturezas, isto é, humana e animal coexistem e muito mais assemelham-se entre si do que divergem, embora gozem de algumas particularidades normais segundo a natureza particular de cada uma. Conforme descrito neste trabalho, o filósofo serve-se das comparações entre os seres

para explicar que a inteligência não é um critério plausível para que as pessoas se elevem acima das outras criaturas, pois dela também surgem as representações, os males e tormentos. Para o autor, os indivíduos ocupam uma posição igualitária entre as criaturas, pois além de todos ocuparem um único ambiente simultaneamente, as limitações humanas colocam em evidência os aspectos comuns deste com os animais.

Enquanto, por um lado, os sujeitos estabelecem conflitos entre si com base em razões fúteis e triviais, o filósofo, por sua vez, aponta um caminho alternativo para evitar as posições antagônicas a saber: dogmatismo e cientificismo, adotando, em contrapartida, um ceticismo moderado que não é indiferente ao outro, mas tolerante e compassivo. Nos *Ensaio*s, fica evidente a falibilidade humana, pois esta é desnudada pela dúvida. O ceticismo é apresentado para neutralizar os exageros tanto dos ateístas como dos dogmáticos, tendo em vista que há um abismo intransponível entre as coisas divinas e mundanas. Por conseguinte, entende-se que ao ser humano compete preocupar-se com os fenômenos, pois a busca por respostas aos problemas deve ser norteadada segundo a experiência.

Durante a pesquisa, ficou manifesto a complexidade da espécie racional enquanto ser que deseja conhecer as coisas, busca a verdade e, ao mesmo tempo, possui um sentimento religioso, pois professa uma fé onde deixa-se influenciar pelas crenças. Esta, ocupa seu íntimo e o irriga até o fim de sua vida. Enquanto a crença modela a conduta do dia-a-dia das pessoas, é constituída pelas convicções não fundadas pela razão e resulta do domínio da experiência; a fé, por sua vez, é apresentada como inspirada por Deus, possui sua origem no ser divino e se dá como uma infusão oriunda do alto. Em vista disso, alguns exemplos são apresentados neste trabalho para ilustrar os diferentes modos utilizados pelos povos para expressá-la como também para explicar que a fé ultrapassa os limites humanos, por isso, os que justificam suas ações com base nela cometem erros e equívocos como os já mencionados ao longo deste trabalho.

Com base na *Apologia*, percebe-se a limitação das criaturas! Assim, apenas a Revelação pode tornar a verdade acessível dando-a a conhecer por iniciativa divina. Embora as pessoas se utilizem da linguagem para falar das coisas do alto, seus argumentos são construídos mediante as experiências temporais seguindo os critérios que elas mesmas estipulam. Se assim não fosse, a religião não seria tão esfacelada, repleta de divergências gerando contendas e conflitos entre os povos, o que levou o filósofo a fazer suas críticas sobre o tema.

Em meio à confusão científica e religiosa, Montaigne responde ao seu contexto na medida em que propõe o ceticismo. Além disso, sustenta que a verdadeira sabedoria está nos

que reconhecem sua condição limitada e confessam nada saber. Em vista disso, o homem é chamado a viver de maneira simples, a exemplo dos animais, sem prender-se aos dogmas tampouco às opiniões elaboradas pelo povo. Assim, no que concerne à religião, o melhor a se fazer é seguir a tradição em voga, haja visto que ninguém possui a verdade em si mesma. Em fim último, a vida paira sobre as incertezas, por isso convém abster-se de qualquer juízo com relação ao conhecimento e sua justificação. Assim sendo, compreende-se que a proposta montaigniana externaliza uma visão humanista e tolerante. Desse modo, cada pessoa passa a conhecer a si mesma, o que possibilita o rompimento das vaidades e vícios que ofuscam as possibilidades de respeitar e dialogar com as demais culturas promovendo a paz entre elas. Entende-se que a filosofia de Montaigne externalizada nesta pesquisa permanece atual, pois sua visão estimula o amadurecimento humano capaz de aceitar as críticas e estabelecer conversações saudáveis. A verdade pertence a Deus e quem Ele quiser revelar, quando o homem busca desvendar os mistérios apenas com suas forças, é então que se engana e erra. O melhor a se fazer, com base nesta investigação, é suspender os julgamentos e aceitar os fenômenos como orienta o seu posicionamento em prol do ceticismo. Para Montaigne, não é a finalidade dos cétricos arruinar o senso comum e estimular uma vida inerte, mas questionar a ciência dogmática, pois ela comete equívocos ao ultrapassar o limite dos fenômenos com o objetivo de tratar das coisas em sua essência. O filósofo entende que o homem não deve apelar ao sobrenatural, porém conformar-se com as aparências já que, por enquanto, a verdade está oculta.

Os critérios universais não podem ser alcançados e isso é um fato! Logo, nenhuma civilização possui a verdade absoluta para julgar os outros povos. A religião e a fé discorrem sobre problemas metafísicos que transcendem os fenômenos, por isso, não passam de poesia desprovida de valor científico. Ainda, num contexto atual, isto é, contemporâneo, esta investigação apresenta o ceticismo enquanto meio que conduz à uma tolerância e também valoriza a liberdade de cada sujeito. A visão cética mostra que todas as opiniões são falíveis e suscetíveis ao engano! O que resta aos homens é conviver com a dúvida gerada pelas aparências e não se comprometer com suas afirmações.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997. (coleção Patrística vol. 10).

\_\_\_\_\_. **Contra os acadêmicos**. Tradução de Agostinho Belmonte; coordenação editorial e introdução de: Bento Silva Santos. São Paulo: Paulus, 2008. (coleção Patrística vol. 24).

BAKEWELL, Sarah. **Como viver: ou uma biografia de Montaigne em uma pergunta e vinte tentativas de resposta**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 397.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BIRCHAL, Telma de Souza. Fé, razão e crença na apologia de Raymond sebon: somos cristãos como Somos perigordinos ou alemães?. Belo Horizonte, nº 111, p. 44-54 Jun/2005.

\_\_\_\_\_. O Eu nos Ensaio de Montaigne. Belo Horizonte: UFMG, 2007. In: SOUZA, Celeste Costa de. **A tolerância como recurso da vaidade humana que se impõe por meio do conhecimento**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://petsofiaufba.files.wordpress.com/2019/12/a-tolerc3a2ncia-como-um-recurso-da-vaidade-humana-que-se-impc3b5e-por-meio-do-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 12 set. de 2021.

CABRAL, João Francisco Pereira. As ideias de Michel de Montaigne. **Brasil Escola**, filosofia. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/as-ideias-michel-montaigne.htm>. Acesso em 14 de set. de 2021.

CARDOSO, Sérgio. Sobre a civilização do renascimento. In: PINTO, F.M.; BENEVENUTO, F., comps. **Filosofia, política e cosmologia: ensaios sobre o renascimento**. São Bernardo do Campo, São Paulo: UFABC, 2017, p. 15-32.

CHADWICK, Owen. **The Reformation**. The Pelican History of the Church. Londres: Penguin, 1988, p. 444.

CONTE, Jaimir. **Montaigne e o ceticismo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2008195217a57302097330fa64fa2f68/texto-didatico-01-montaigne.pdf>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

DUARTE, Tiago Barros. Ceticismo e morte em Michel de Montaigne: o problema da imortalidade da alma na apologia de Raymond Sebond. **Argumentos Revista de Filosofia**, ano 3, n. 5, 2011, p. 127-138. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/4494>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

EMPIRICO, Sexto. Hipotiposes Pirrônicas Livro I. Tradução de Danilo Marcondes. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 9, n. 12, p. 115-122, june 1997. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnp/article/view/130>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

EVA, Luiz Antonio Alves. Montaigne e o Ceticismo na Apologia de Raymond Sebond: a Natureza Dialética da Crítica à Vaidade. In: **O que nos faz pensar**. Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, novembro de 1994, n. 8.

FERNÁNDEZ, Tomás.; TAMARO, Elena. *Biografia de Montaigne*. Em: **biografias e vidas**: A enciclopédia biográfica online. Barcelona, Espanha, 2004. Disponível em: <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/montaigne.htm>>. Acesso em: 03 de abr. 2022.

HEERS, Jacques. **O Ocidente nos séculos XIV e XV: aspectos econômicos e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1981.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais. . Acesso em: 03 abr. 2022.

MACIEL, Marcelo da Costa. Ceticismo e religião em Montaigne. *Cultura e comunidade*, Uberlândia, vv. 6 n. 10 p. 51-62 Jul/2011.

MAIA NETO, J. R. História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza. **Manuscrito: Revista Internacional de Filosofia**, Campinas, SP, v. 23, n. 1, p. 219–230, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscrito/article/view/8644916>. Acesso em: 26 mar. 2022.

MATOS, Alderi Souza. A Reforma e os Historiadores. **Fides Reformata**, São Paulo, XXII, 2, p.11-22, 2017.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio II**. Tradução: Sérgio Milliet. Biblioteca dos Séculos. Porto Alegre: Globo, 1962.

\_\_\_\_\_, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972(Os Pensadores, v. XI).

\_\_\_\_\_, Michel. Os ensaios: uma seleção. Trad. Rosa F. d’Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Introdução e notas de Ch. – M. de Granges. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 276 p. (Coleção os Pensadores).

POPKIN, Richard H. (Richard Henry), 1923- História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza / por Richard H. Popkin; traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho - Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2000.

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. *Vida Comum e Ceticismo*. São Paulo: brasiliense, 1994.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga III. Os sistemas da era helenística**. Tradução de: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. (Série História da Filosofia).

ROCHA, Arlindo Nascimento. A Fraqueza da Razão e a incerteza do conhecimento da verdade em Blaise Pascal. **Revista Argumentos**, Montes Claros, MG, v. 14, n. 2, p. 216-235, jul/dez, 2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/>>

article/download/1130/1164/4054#:~:text=Quando%20se%20trata%20do%20conhecimento,u ma%20vez%20que%20%C3%A9%20impotente.>. Acesso em: 04 de abr. 2022.

SHELLEY, Bruce L. *História do Cristianismo: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da Igreja Cristã desde as origens até o Século XXI*. Rio de Janeiro; Thomas Nelson Brasil, 2018. 560p.

VERDAN, André. **O Ceticismo Filosófico**. Tradução de Jaimir Conte. Disponível em: <<http://conte.prof.ufsc.br/txt-verdan.pdf>>. Acesso em 07 de out. de 2021.

ZIMMERMANN, Flávio. “Ceticismo e Tolerância em Montaigne”. In: **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, n. 44, julho de 2019.